



INSTITUTO SUPERIOR DE GESTÃO
Departamento de Gestão

TURISMO COMUNITÁRIO UM MODELO DE GESTÃO EFICAZ E SUSTENTÁVEL

Fernândcio Barbosa Carneiro

Dissertação apresentada no ISG para
obtenção do Grau de Mestre em Gestão

Orientador: Professor Doutor Álvaro Dias
Co-Orientadora: Professora Dra. Mafalda
Patuléia

Lisboa
2015

289t

Carneiro, Fernândcio Barbosa

Turismo comunitário: um modelo de gestão sustentável/Fernândcio Barbosa Carneiro. Lisboa, 2015.

Dissertação (Mestrado em Gestão) – Instituto Superior de Gestão – ISG, Lisboa, 20015.

80 f. II.

Dissertação (Mestrado em Gestão) – Instituto Superior de Gestão, Lisboa, 2015.

Orientador: Álvaro Dias.

Turismo. 2.Turismo Comunitário. 3. Desenvolvimento sustentável. 4. Gestão

CDD 338 4791

Resumo

Esta dissertação baseia-se num estudo de caso que trata do Turismo Comunitário um modelo de gestão eficaz e sustentável. Na qual tem o Instituto Terramar como objeto de estudo de caso que foi observado, onde realiza os seus trabalhos de coordenação e assessoria à Rede Cearense de Turismo Comunitário - Rede Tucum. Estas organizações foram sujeitas a um processo de estudo científico no qual serão apresentados conceitos das variáveis independentes: organização, produção e sustentabilidade; e uma variável dependente: autogestão.

Nos estudos realizados foram conceituadas as variáveis independentes e uma dependente, fazendo o relacionamento com as hipóteses, como também o uso de fundamentação teórica para análise do estudo de caso. O procedimento metodológico adotado na pesquisa constituiu na busca implementação do modelo de gestão eficaz. A metodologia utilizada teve como suporte a teoria de teoria de Yin.

Para melhor compreensão na prática sobre o Turismo Comunitário, foi realizada uma entrevista com Rosa Maria Martins Pereira, responsável pela Rede Tucum, militante dos movimentos sociais e Coordenadora do Instituto Terramar. A mesma forneceu diversos materiais teóricos, tais como: livros, guias e folders que tratam do assunto, contributo para a fundamentação teórica.

Para futuras investigações fica a herança deixada pelo esforço e estudo nessa dissertação. Além da experiência de análise e as evidências para a atualização, abrangência e melhorias no desenvolvimento do processo de gestão do Turismo Comunitário um modelo de gestão eficaz e sustentável desenvolvido no Ceará, no caso específico o estudo do Instituto Terramar.

Considera-se esta investigação científica como possibilidade de abrir novos caminhos para a investigação mais ampla do Turismo Comunitário, nas diversas comunidades existentes no Estado do Ceará, como também a busca do diagnóstico mais exato e consistente pela constatação das variáveis melhorando os métodos de análise dos serviços suscitados pela Rede Tucum.

Palavras-Chaves: Turismo Comunitário. Gestão Eficaz. Organização. Produção. Autogestão.

Abstract

This thesis is based on a case study that deals with the Community Tourism a model of effective and sustainable management. Where you have the Terramar Institute as a case study object that was observed, which carries out its work coordinating and advising the Cearense Network of Community Tourism - Tucumán Network. These organizations have been subject to a scientific study process in which concepts will be presented of independent variables: organization, production and sustainability; and a dependent variable: self-management. In studies were reputable independent variables and one dependent, making the relationship with the assumptions, as well as the use of theoretical basis for analysis of the case study. The methodological procedure used in the research consisted of the sought implementation of an effective management model. The methodology used was to support the theory of Yin theory. To better understand the practice of the Community Tourism, an interview was conducted with Rosa Maria Martins Pereira, responsible for Tucumán Network, militant social movements and Coordinator of the Terramar Institute. Same provided several theoretical materials, such as books, guides and brochures dealing with the subject, contribution to the theoretical foundation. For future research is the legacy of this dissertation effort and study. Besides the analysis of experience and evidence for the timeliness, completeness and improvements in the development of Community Tourism management process an effective and sustainable management model developed in Ceará, in the specific case study of the Terramar Institute.

It is considered this scientific research as a possibility to open new avenues for further investigation of the Community Tourism in the various existing communities in the state of Ceará, as well as the search for more accurate and consistent diagnosis by finding the variables improving the methods of analysis of Network services raised by Tucumán.

Key Words: Community Tourism. Effective management. Organization. Production. Self-management.

Agradecimentos

As minhas Fraternidades de Parnaíba, Sagrado Coração de Jesus, Messejana e a Matriz da Província S. Francisco das Chagas, o Provincial Fr. Henrique Araújo e Fr. Chagas Santos e Fr. João Batista Fraternidade de Juazeiro do Norte, juntos deram total apoio para continuidade dos estudos.

Aos meus amigos (as), de sala de aula do Forum, da primeira e da segunda turma contribuíram na pesquisa científica e recreação, em especial aos colegas de grupo de trabalhos Emília, Adriano, Márcia, Sônia e Paulo Henrique.

À minha Mãe, Maria Carmelita, pelo seu carinho e afeto, meu Pai Fernando Carneiro (in memoria) pelo apoio e incentivo.

Agradeço ao Professor Doutor Álvaro Dias e a Professora Doutora Mafalda Patuléia, respectivamente Orientador e Co-orientadora desta dissertação, pela precisão das suas análises, e, sobretudo pela seriedade e mensagens do otimismo transmitidas ao longo dos vários meses de trabalho.

Ao departamento de Pós-Graduações do Forum seus profissionais, pelo incentivo inicial de fazer a inscrição nesta edição do Mestrado em Gestão do ISG. Em especial o apoio da Professora Diretora Dra. Suely que acreditou nas boas intenções de divulgar o Fórum.

A todas as pessoas da equipe do Instituto Terramar e Rede Cearense de Turismo Comunitário, cujo trabalho e dedicação ao cumprimento da sua meta de melhoria social, a pessoa de Rosa Maria Martins Pereira que aceitou ser entrevistada.

Lista de abreviaturas

APAFG: Associação de Produtores de algas de Flecheira e Guajiru

ANTEAG: Associação Nacional de Trabalhadores e Empresas de Autogestão.

APL: Arranjos Produtivos Locais

ACO: Ação Católica Operária

CE: Estado do Ceará

CESE: Centro Ecumênico

FCM: Fórum Cearense de Mulheres

FPPLC: Forum dos Pescadores e Pescadoras do Litoral Cearense

FDZCC: em Defesa da Zona Costeira Cearense ()

GTL: Grupo de Trabalho de Lideranças

GT: Grupo de Turismo Comunitário

H1: Hipótese 1

H2: Hipótese 2

H3: Hipótese 3

ISG: Instituto Superior de Gestão

ONGs: Organizações Não Governamentais

MAB: Movimento dos Atingidos por Barragens

MONAPE: Movimento Nacional de Pescadores

MST: Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

PRODETUR/NE: Projeto de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste

REALCE: Rede de Educadores Ambientais do Litoral Cearense

REDETURS: Rede de Turismo Comunitário América Latina

RENAP: Rede Nacional de Advogados Populares

RMMP: Rosa Maria Martins Pereira

TURISOL: Serviço de Banda larga Móvel

REDE TUCUM: Rede Cearense de Turismo Comunitário

SEBRAE: Serviço de Apoio a Brasileiro de Pequenas Empresas

TERRAMAR: Instituto Terramar

TBC: Turismo de Base Comunitária

TC: Turismo Comunitário

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

II SITS - II Seminário Internacional de Turismo Sustentável

UFPB: Universidade Federal da Paraíba

Epígrafe

*Pensar o Turismo de Base Comunitária como turismo só de geração de renda é pouco.
O lastro do Turismo Comunitário tem sua base na diversidade cultural e nos valores humanos.
A moeda... não é recebida, é trocada!
Os valores... não geram riquezas, geram nobreza!
É o turismo do presente... e é tão do presente que no futuro as palavras turismo e turistas incomodarão tanto quem recebe quanto quem é recebido.*

(Lima, 2010)

Índice de Figuras

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Logo marca da Rede Tucum | 33 |
| Figura 2 - Relação das Variáveis e Hipóteses | 35 |
| Figura 3 - Rosa no Encontro de Tecnologia Social. | 42 |
| Figura 4 - Estrutura organizacional da Rede Tucum | 43 |
| Figura 5 - O território dos conflitos: terra, água, energia, biodiversidade... (Índios, pescadores, quilombolas, marisqueiras, ribeirinhos, camponeses) | 44 |
| Figura 6 - Logomarca do Instituto Terramar | 51 |

Índice

| | |
|---|------|
| Resumo | iii |
| Agradecimentos | v |
| Lista de abreviaturas | vi |
| Epígrafe | viii |
| Índice | x |
| 1.Introdução | 12 |
| 1.1. Justificativa | 12 |
| 1.2 Temática..... | 13 |
| 1.2 Problemática | 15 |
| 1.3 Estrutura da dissertação | 18 |
| 2. Revisão da Literatura..... | 21 |
| 2.1 Definições | 21 |
| 2.1.1 Conceitos de Organização | 21 |
| 2.1.2 Conceito de Produção..... | 23 |
| 2.1.3 Conceito de Sustentabilidade | 24 |
| 2.1.4 Conceito de autogestão..... | 26 |
| 2.2 Hipóteses e modelo Conceitual | 28 |
| 2.2.1 Organização e autogestão nas entidades de TC | 28 |
| 2.2.2 Produção e autogestão nas entidades de TC..... | 29 |
| 2.2.3 Sustentabilidade e Autogestão nas entidades de TC | 33 |
| 2.2.4 Modelo Conceitual | 35 |
| 3. Metodologia..... | 37 |
| 3.1 Desenho da Investigação | 37 |
| 3.2 Instrumento de Medida | 38 |
| 3.2.1. Organização..... | 39 |
| 3.2.2 Produção..... | 40 |
| 3.2.3 Sustentabilidade | 40 |

| | |
|---|----|
| 3.2.4. Autogestão..... | 41 |
| 3.4 Objeto de Estudo..... | 51 |
| 3.4.1 História do Instituto Terramar..... | 51 |
| 3.4.2 Diretrizes Metodológicas do Instituto Terramar..... | 53 |
| 3.4.3 Conselho diretivo..... | 53 |
| 3.5 Coleta de dados..... | 54 |
| 4. Estudo de Caso..... | 56 |
| 4.1 Historial..... | 56 |
| 4.2 A Organização..... | 56 |
| 4.3 A Produção..... | 58 |
| 4.4 Sustentabilidade..... | 59 |
| 4.5 Autogestão..... | 61 |
| 5. Considerações Finais..... | 63 |
| 5.1 Teoria..... | 63 |
| 5.2 Implicações para a gestão..... | 65 |
| 5.3 Limitações e futuras investigações..... | 66 |
| Referências..... | 68 |
| Anexo..... | 76 |

1. Introdução

1.1. Justificativa

O Estudo sobre o Turismo Comunitário - TC pode contribuir para conhecimento das práticas de gestão pelas comunidades que fazem a Rede de Tucum. O estudo é importante para as outras comunidades que precisam de um modelo de gestão eficaz. A pesquisa é importante para a gestão como maneira de mostrar que é possível de forma democrática construir outro jeito de administrar para a sustentabilidade. Para o estudioso é necessário a pesquisa pelo significado e valorização dos movimentos sociais. Principalmente aos Povos do Mar¹, exemplo de fé e luta em prol da terra para geração de renda e construção de outro Turismo possível.

A viabilidade do estudo pode ser afirmada pelo orientador que facilitou conhecer neste mundo desconhecido, mais atraente do TC, no conhecimento de fontes materiais disponíveis, como a entrevistada e as documentações disponíveis na internet. A oportunidade da pesquisa oportuniza divulgação em outras comunidades que precisam deste modelo de autogestão democrática.

A implementação do TC como gestão eficaz contribui para o aperfeiçoamento das práticas administrativas nas comunidades que fazem parte da Rede Tucum. Tem em seu sistema de controle interno da administração coletiva, uma vez que em suas práticas estão contidas as variáveis: organização, produção, sustentabilidade e autogestão, atuam diretamente como forma de permanência no território. Assegurando o apoio do Instituto Terramar, instituição de maneira efetiva projeta teoria e ações em prol do TC no Ceará.

Um dos problemas enfrentados pela Administração do Instituto Terramar é a ausência de políticas públicas para o Turismo Comunitário, e para que ela seja minimizada e até mesmo deixe de ser um fato comum, necessita-se de uma construção coletiva para que examine e avalie eficazmente para obter mais apoio de órgãos da gestão pública ou privada. Na possibilidade colaboração e melhoria do serviço prestado aos turistas. Em outras pesquisas deve haver a verificação da participação dos líderes nos Conselhos dos Municípios.

¹Povos do Mar: habitantes considerados nativos e quilombolas que moram próximo as praias ou litoral, organizados para permanecer em seus territórios, contra os invasores estrangeiros.

O TC tem sido debatido por diversos setores da sociedade, agora é o momento de criar mecanismo Global de apoio as iniciativas de organização solidária. Esta o TC tem mostrado ao longo de sua caminhada, a busca de soluções para atender as suas necessidades. Uma delas é permanência em seu território. Em geral seus trabalhos são organizados nas comunidades rurais que desenvolvem atividades sustentáveis, atuam na autogestão para a erradicação da pobreza e incentivo a democracia e solidariedade em suas economias.

Segundo Rosa - RM, o TC tem sido um dos meios de resistência às grandes obras estrangeiras prejudiciais ao meio ambiente. Quando estes órgãos privados não são fiscalizados pelas instituições que defendem o Meio Ambiente dar-se a degradação ambiental.

O desenvolvimento desse tema contribuirá de forma significativa para o aprimoramento dos processos de apoio ao TC, através do mesmo será possível identificar os principais achados sobre gestão.

Por fim, fazer jus ao destaque da Rede Tucum que tem a capacidade de influenciar o desempenho da gestão e autogestão de forma organizativa e sustentável, e até mesmo melhorá-lo.

1.2 Temática

A temática da pesquisa científica foi elaborada com base no estudo de caso na Instituição Terramar, entidade que assessora o trabalho da Rede Tucum. Para o aprofundamento da temática do Turismo Comunitário um modelo de gestão eficaz e sustentável, procurou-se internalizar a pesquisa para ser referência teórica e prática, de modo a implantar o modelo de gestão eficaz em outras comunidades onde não existe este trabalho de gestão democrática.

1.3 Objetivos

O objetivo geral do presente estudo é analisar a implantação do modelo de gestão eficaz e sustentável do Turismo Comunitário do Ceará.

Os principais objetivos específicos do estudo são:

- Perceber nas variáveis a gestão eficaz e sustentável;
- Analisar o trabalho de assessoria do Instituto Terramar a Rede Tucum.

- Realizar um estudo junto à assessoria do Instituto Terramar para constatar se ela contribuiu para melhorar a gestão eficaz.

Foram pesquisadas várias teorias sobre o Turismo Comunitário. Citam-se as consideradas importantes no desenvolvimento do trabalho: Pereira (2013), *Caderno de Normas e Procedimentos Internos da Rede Cearense de Turismo Comunitário – Rede Tucum*; o trabalho desenvolvido por esta obra pode ser indicado para quem deseja trabalhar com empreendimentos turísticos comunitários; Gareth Morgan (1996)². A metodologia utilizada na obra de Yin (2003), *Estudo de caso: planejamento de métodos*, a qual apresenta a técnica apoiado nas ciências sociais e humanísticas de estudo de caso com validação de testes significativos, compartilhando os mesmos objetivos de conhecimento; Bartholo, Sansolo e Bursztyn (2008), o Turismo de Base Comunitária, com diversidade de olhares e experiências brasileiras; Barbosa (2011), analisa as *Redes de Territórios Solidários do Turismo Comunitário* para compreensão do fenômeno turístico, sob o eixo do turismo comunitário, no estado do Ceará; ANTEAG - Associação Nacional de Trabalhadores e Empresas de Autogestão (2014), é uma referência na metodologia de assessoria e capacitação de empresas de autogestão; Barbosa e Coriolano (2012), teoria de análise das formas de economia solidária; Bartholo, Sansolo e Bursztyn (2008), publicado com o título: *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*; *Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura - UNESCO. (1981), La Autogestión en los sistemas educativos*, estudo sobre autogestão para melhorar o sistema educativo; Tauile, J. R. (2001), *Do socialismo de mercado à economia solidária*; Sousa (2007), *Fundamentos da ética marxista: a crítica radical da Sociedade capitalista e as mediações políticas para a Construção da emancipação humana*; Singer (2008), Entrevista com Paul Singer. *Estudos Avançados*; Patuleia, M., Ferreira, A. M. & Almeida, C. R. Dos Resorts integrados às questões da sustentabilidade: uma abordagem conceptual. *Journal of Tourism and Sustainability*; Nascimento (2004), *Autogestão e o Novo Cooperativismo. Secretaria Nacional de Economia Solidária*. Além de outras obras que serão citadas ao longo do trabalho

²Gareth Morgan (1996), autor de sete livros, incluindo *Imaginization: the art of creative management*; *Riding the waves of change*; *Beyond method, Creative organization theory e Sociológica*; *Paradigms and organizational analysis*.

1.4 Problemática

Este estudo pretende responder a questão elaborada:

Quais as atividades turísticas são desenvolvidas pelas comunidades que praticam o Turismo Comunitário, envolvendo as variáveis: produção; organização; sustentabilidade e autogestão?

Esta questão envolve as atividades turísticas, sendo a primeira variável a organização, que promove a capacitação de pessoas. Em outra atividade dentro da organização apresenta-se a prática do cooperativismo e capacitação solidária, conforme afirmam Barbosa e Coriolano (2012).

Em relação às atividades que envolvem a produção recorre-se a Ramalho, Araújo e Gondim (2013, p. 10), o turismo, sob o ponto de vista da produção, é uma das várias formas de acúmulo e alargamento de capital, com sua aptidão de transformação dos espaços, das economias e dos costumes, com diversidade de categorias e agentes envolvidos. Na Região Nordeste do Brasil, as ações de incremento da atividade do turismo, ao alinhar ambientes das localidades a lugares globais, “provocaram conflitos de interesses entre agentes empresariais e residentes no Ceará. As próprias populações locais manifestaram resistência, articulando-se e construindo um turismo atrelado às atividades tradicionais, ao meio ambiente e aos costumes locais, o que fundamenta o Turismo de Base Comunitária.”

Por isto, Barbosa e Coriolano (2012) são contra a construção dos Resorts, modelo de Turismo que causam prejuízos ecológicos para as comunidades, grandes empreendimentos, mas degradam o Meio Ambiente, como afirma Patuleia et al. (2011), são destruidores dos recursos naturais, apresenta uma qualidade baixa, uma oferta de produto turístico desequilibrado.

Barbosa e Coriolano (2012) mostraram a valorização e crescimento da Rede de Turismo Comunitário e de outras redes, um exemplo mais recente é a REDETURS na América Latina. Que é alternativa aos impactos de destruição do Turismo tradicional (de massa). Eles elaboraram um método de desenvolvimento local, através dos arranjos produtivos. Segundo Barbosa e Coriolano (2012). Conforme Bourdin (2001), este método representa a busca pelo controle de seus territórios e implantação da qualidade de vida.

Outra atividade relacionada do Turismo Comunitário, em relação à preservação da natureza, tendo como variável independente a sustentabilidade. Segundo Peruzzo e Volpano (2009) ao

discutir a questão local, relacionada ao poder numa perspectiva Latino Americana. Porém, na perspectiva de Barbosa (2011), o Turismo Comunitário atuante em forma de rede favorece o poder local em favorecimento a visão global.

Neste aspecto Patuleia (2011), falado desgaste da natureza. São as práticas sociais do Turismo convencional. Esta degradação natural é prática dos Resorts não integrados. Por outro lado, a comunidade local reage, na proteção a natureza, através dos Arranjos Produtivos Locais – APL. Ela afirma que os Resorts são nefastos a comunidade local, quando apenas usufruem o espaço social, mas não interagem, isolando-se da realidade (Patuleia, 2011). Neste ponto Barbosa (2011.), afirma o território como espaço onde os moradores realizam suas práticas sociais e culturais. Por outro lado, ao resistir a implantação dos resorts, favorece aos residentes o desenvolvimento do poder local sustentável.

O diferencial o Turismo Comunitário, é ser oposição ao Turismo Convencional, ele tem na sua essência a prática capitalista. Segundo Barbosa e Coriolano (2012), o Turismo Comunitário desenvolve suas atividades na comunidade local pela proteção da natureza e preservação cultural, pelo fortalecimento do território.

Barbosa e Coriolano (2012), na visão Latino Americana acentuamos aspecto cultural. Enquanto outros desenvolvem o âmbito industrial. Para Carneiro (2008), há o enfrentamento para não perder a identidade local. A localidade bem fortalecida como, por exemplo, a luta dos nativos Mapuches, como afirmaram Neuhaus e Silva (2006), é alternativa como a reciprocidade solidária numa cosmo visão criativa e nova abordagem da atividade do turismo, contribuindo para união dos esforços, experiências e criatividade. Para construção de outro modelo de turismo mais justo e solidário.

Segundo Barbosa e Coriolano (2012), o Estado do Ceará possui 573 quilômetros de faixa litorânea, situados em cidades centrais que são receptoras da ação turística, sendo a capital do Estado, Fortaleza uma que absorve maior parte dessa clientela. Portanto, o crescimento do turismo regional e estadual é visível.

Após expor as variáveis: produção, organização, sustentabilidade, dentro da problemática citada cabe tratar da variável autogestão, compreendendo como ação participativa pelos residentes que praticam o Turismo Comunitário.

Segue-se a segunda problemática da pesquisa: Como a comunidade aplica a autogestão participativa desenvolvida pelos residentes que praticam o Turismo comunitário?

Segundo Singer (2013), pelo conhecimento teórico, superando a exclusão social numa forma de autogestão que é fator determinante na administração colegiada e participativa com base na economia solidária. Ou seja, uma economia alternativa (Cornelian, 2006).

Em relação à prática de autogestão, segundo Singer (2002), parte do conhecimento teórico, trata da superação da exclusão social. Percebe-se na Economia solidária um modo de produção alternativa. (Cornelian, 2006). Um exemplo prático é o Banco Palmas criado pelos moradores do Conjunto Palmeiras, em Fortaleza, Estado do Ceará. Aplica uma experiência de Autogestão. (Chaves e Iléia, 2007). Este Banco, o Palmas, fundado em 1988, pela Associação dos Moradores do Conjunto Palmeiras, proporciona microcrédito aos habitantes para produção e consumo. Ele é constituído “de um sistema de crédito atendidas e ampliando a atuação do Banco, tal como os clubes de trocas solidárias com moeda social, a loja solidária e a feira do Banco Palmas.” (Chaves e Iléia, 2007, p. 61). Este modelo de Banco Comunitário tem influenciado no crescimento da autogestão em instituições bancárias criadas pelas comunidades que aplicam a prática do Turismo Comunitário.

Nos últimos anos, a economia Solidária tem sido alternativa de mobilização social e comunitária como forma de autogestão com fins coletivos, caso específico em Santa Catarina, conforme falou Luz (2010). Segundo Nascimento (2004), a autogestão é um ideal de democracia econômica, um novo modo de produção.

Portanto, as comunidades utilizam a prática criativa de cooperativas e organizações afins. Neste caso, recorre-se a Barbosa e Coriolano (2012), que em síntese demonstraram as atividades do TC, com seus valores de coletividade e a prática deste tipo de Turismo diferenciado dos outros. A sustentabilidade organizacional pode ser considerada um instrumento de capacitação solidária, na superação do modelo de Turismo tradicional, que em sua prática destrói a natureza.

A economia solidária tem sido um meio de participação e da mobilização comunitária, através da cooperação e da autogestão coletiva.

Afirma Nascimento (2004), que autogestão é mais um “ideal” de democracia econômica e gestão coletiva, um novo modo de produção. Além de agregar forças para uma nova investida em atividades de autogestão. É uma superação do assistencialismo, como exemplo de Turismo Comunitário e independe do sistema. Ao não se envolver na manipulação da identidade. Como modelo de superação da dependência, a comunidade quilombola Kalunga, é exemplo de superação do assistencialismo que interferia na dinâmica interna da população local, superando muitos problemas colocando-se diante da cidadania completa (Lima, 2013).

Segundo Cornelian (2006) e Singer (2002), a economia solidária é autogestão. Singer concebe a “Economia Solidária” como um movimento revolucionário, portanto, essa potencialidade transformadora se deve à aposta Singeriana na “autogestão”, àquilo que ele considera como sendo “autogestão”: democracia de decisão participativa dentro das cooperativas solidárias. Depois destes fundamentos teórico e prático é possível imaginar outro jeito de desenvolvimento dos residentes que praticam o Turismo Comunitário, com seu potencial expressivo da autogestão, além de suas práticas. Estas práticas estão inseridas na articulação do Movimento Nacional de Economia Solidária, fundamentada nas ideias de Singer (2002).

Respondendo a questão, em relação à autogestão, cita-se a entrevista com RMMP (2014), ela informa alguns dados sobre autogestão em Turismo Comunitário. Por meio da entrevista, percebe-se no Instituto Terramar a ligação da parceria com a Rede de Tucum, combina com a teoria de Singer (2002), ao afirmar que os residentes praticam a autogestão. Para Pereira (2014) seria a economia solidária, eixo de aprofundamento de seu trabalho, através de sua atuação como Coordenadora das Comunidades integradas a Rede Tucum.

Estas são as respostas da problemática que envolve as atividades desenvolvidas pelas comunidades que praticam o Turismo Comunitário, numa relação com as variáveis produção, organização, sustentabilidade e autogestão.

1.5 Estrutura da dissertação

Após apresentar a fundamentação teórica a partir da temática e dos objetivos. Expõem-se as referências e as metodologias utilizadas na pesquisa, os problemas do referido caso, assim como a justificativa da investigação e a definição das hipóteses em investigação.

Na revisão da literatura, o presente trabalho apresenta as definições dos conceitos das variáveis: organização, produção, sustentabilidade e autogestão, depois, os estudos apontam as principais hipóteses e o modelo conceitual.

No item 3 analisa-se a metodologia a partir do desenho da investigação, na qual opta pela uma pesquisa qualitativa no uso da entrevista pessoal e documental do Instituto Terramar. A metodologia do estudo de caso utiliza-se a teoria de Yin (2003), sua contribuição se dá nas unidades de análise como instrumento de medida.

Nos subitens observam-se a “olho nu” no Instituto Terramar as variáveis a seguir: organização, produção, sustentabilidade e autogestão. A primeira, a organização é percebida como a existência do colegiado de pessoas com papéis definidos. Na segunda variável produção, percebe-se que a Instituição não produz bens materiais, apenas elabora projetos de formação. Enquanto as comunidades assessoradas pelo Instituto produzem artesanato e alimentos saudáveis sem uso de agrotóxicos. Na terceira variável sustentabilidade, percebe-se no local de trabalho uma estrutura circular que lembra o equilíbrio democrático nas decisões coletivas da Instituição que trabalha com as comunidades que lutam pelo território na preservação da natureza na orla marítima do Ceará. Na quarta variável autogestão observa-se que quem faz a gestão das comunidades são os conselhos, associações e movimentos sociais, sendo que cada comunidade tem o seu (GT) para formar a Rede Tucum, com assessoria autogestionária do Instituto Terramar.

Em seguida, a entrevista realizada com RMMP, assessora da Rede Tucum, coordenadora do Instituto Terramar que apresenta uma visão sobre as variáveis, através de questões ligadas à gestão.

Depois apresenta-se o objeto de estudo, o Instituto Terramar com sua trajetória histórica em relação à criação da Rede Tucum. Depois são expostas as diretrizes metodológicas aplicadas pelo Instituto Terramar. A seguir expõe-se o Conselho Diretivo com os respectivos diretores. Para depois apresentar as Estratégias coletivas de gestão. Apresenta-se a coleta de dados que foi feita pela pesquisa bibliográfica e documental e a entrevista a RMMP. Na qual sujeito a entrevista deveria ser feita análise do Estudo de caso com base na entrevista, relacionado às teorias, variáveis e hipóteses. Seguem as análises das variáveis independentes e variável dependente: organização, produção, sustentabilidade e autogestão, depois de feita análise na proposta de Yin (2003).

Por último, apresentam-se as considerações finais abordadas deste trabalho, assim como a teoria, implicações para a gestão, limitações e futuras investigações, os resultados de validade das hipóteses apontadas inicialmente e por último as referências bibliográficas.

Por fim, será feita a revisão de literatura para testar as hipóteses elaboradas sobre o Turismo comunitário tem sido uma forma de gestão eficaz, a partir das variáveis: produção, organização, sustentabilidade e autogestão.

2. Revisão da Literatura

2.1 Definições

2.1.1 Conceitos de Organização

Para Coelho (2004), as organizações existem, e precisam de bens e serviços para sobreviver, e são as organizações as responsáveis por estas atividades. No ponto de vista de Morgan, (1996), as organizações são propostas como um fim em si mesmo, como instrumentos criados para se atingirem outros fins. Observando pela origem da palavra, organização deriva do grego *orgamon* que significa uma ferramenta ou instrumento. Ou seja, instrumento em busca de fins determinados. A organização também é vista como símbolos, em situações de novos meios criativos, com mais eficiência na forma de organizar e administrar. Pois, segundo Ferreira (2010), ação é o resultante de organizar-se.

Na visão de Ramalho (2013, p. 10) “as organizações que integram o poder local. Com efeito, uma Junta de Freguesia é também um agente econômico que carece de uma dinâmica gestonária num quadro que exige rigor orçamental, eficiência e eficácia, sendo que os desígnios das autarquias assentam fundamentalmente na dimensão social.” Este conceito sobre organização mostra a capacidade do poder local contribuir com eficácia, na dimensão social. Um dos conceitos mais completos para este trabalho.

Coelho, e Dellagnelo (2012) contribuem afirmando que as organizações em seu trabalho de pesquisa, entre as abordagens mais citadas, destacam-se: capacidade, articulação, tática, tradição, direção, armação e interação. Como também mencionaram outrossim: diálogo, novidade e dentre outros subitens inseridos nos apartes aludidos, como vontade de integrar, ou políticas etc.

Segundo Maximiano (1992), a organização pode ser a combinação dos esforços individuais que buscam realizar os fins coletivos. Portanto, através da organização torna-se possível alcançar as finalidades que seriam difíceis para uma pessoa sozinha.

Segundo Grzybowski (1998), nos movimentos sociais, organização está ligada à luta pela terra, como faz o Movimento dos Sem Terra no Brasil, modelo de organização e capacidade de intervenção na política, embora pouco compreendido com as outras forças, mas conta com apoio da Igreja, através da Comissão Pastoral da Terra, e da CPT. Para os excluídos, a

organização pode ser vista como processo de luta. Então, ela segue uma metodologia de resgate do excluído, como afirma a Caritas (1995):

- a) assistência, para dar condições de vida;
- b) promoção, recuperar a excelência e conscientização;
- c) libertação, superação da exclusão através da organização e luta popular.

Ao mesmo tempo, afirma Simonetti (2007) que o MST tem sido um meio de (re) territorialização de trabalhadores em terras conquistadas, que vem gerando novas demandas com base em três dimensões: ocupação/acampamento/assentamento.

Segundo Meireles (2003), a organização é um artefato que pode ser abordado como um conjunto articulado de pessoas, métodos e recursos materiais, projetado para um dado fim e balizado por um conjunto de imperativos determinantes (crenças, valores, culturas etc.). Estão atribuídos os aspectos social e cultural entre outros que envolvem também a organização, como a crença religiosa, marca importante na criação de seus líderes e força de algumas organizações.

Para Morgan (1996, p. 20), a organização precisa “atingir maior eficácia, os administradores precisam desenvolver a habilidade de Identificar e usar diferentes abordagens à Administração e organização na terminologia de Imagens, eles precisam aprender a “ler” as organizações de diferentes perspectivas e a desenvolver estratégias de ações consistentes com as visões que obtêm. Algumas perspectivas e visões complementares. Algumas são contraditórias. Quando se domina a arte de lidar com essas contradições se paralelos, aumenta-se a visão periférica, criando a flexibilidade necessária para identificar difíceis questões organizacionais e responder com as estratégias apropriadas para mudá-las. Esta visão tem ligação com a eficácia na gestão que caminhe direcionada pela eficácia com meios que proporcione para a mudança”.

Sobre esta ótica da eficácia da gestão nas organizações a força da Gestão do Conhecimento, pode-se citar Alvarenga Neto, et al. (2006) criação da informação organizacional é o acréscimo da teoria criada pelas pessoas, após contentadas as categorias contextuais que necessitam ser fornecidas pela organização.

Os conceitos mostraram a importância da organização como meio de chegar a um fim determinado. A seguir o conceito de produção.

2.1.2 Conceito de Produção

Segundo Ferreira (2010), produção vem do significado latim *productione*, a obra ou o resultado de fabricar. De acordo com Martins, Laugeni, (2002. p. 05), o conceito de administração da produção “é toda atividade desenvolvida pela empresa visando atender seus objetivos de curto, médio e longo prazo, se interrelacionam de forma muito complexa”. Sendo essas atividades, ao transformar insumos, como matérias-primas, em produtos e os serviços, adquirem os recursos e agregam valor ao produto final. (Martins, Laugeni, 2002).

Segundo Lazzarato, e Negrij,(2001),o “trabalho”: um novo debate para velhas alternativas, ele expõe o conceito de “produção” na visão de Foucault como uma perspectiva muito economicista.Para ele,Foucault faz separação das relações de poder, economia e produção para enriquecimento das análises capitalista.

A Administração da Produção “é o campo de estudo dos conceitos e técnicas aplicáveis à tomada de decisões na função de Produção (empresas industriais) ou Operações (empresas de serviços)”.(Moreira, 2002, p. 3).Em relação as pequenas empresas, a Administração da Produção segundo o pensamento de Slack, Chambers e Johnston,(2001,p.33), engloba todos nos conjuntos de atividades em qualquer tamanho de organização. Ainda “possui seus diferentes tipos de problemas, a empresa de porte grande, têm os recursos para destinar profissionais a desempenhar funções organizacionais específicas, (cada um na sua área), o que em geral não ocorrem com empresas menores, pois os custos crescem de forma operacional e encargos salariais.” O desafio neste conceito é a questão de manutenção da organização através de seus encargos salariais.

Pode-se tratar da Produção Enxuta, seus autores apontam as metas colocadas por essa filosofia que, segundo o professor Costa Junior (2008), são a força que é produzido por meio a da eficiência, com os baixos custos nos estoques.Esta é uma visão mais mercantil e menos solidária. Noutra visão social “produção é a transformação da natureza da qual resultam bens que vão satisfazer as necessidades dos indivíduos” (Oliveira, 2001, p. 96).

Segundo Marcelo (2012), o sistema de produção é composto pelo conjunto de sistemas de cultivo e ou de criação no campo de um domínio rural, definidos a partir dos fatores de produção (terra, capital e mão de obra) e interligados por um processo de gestão.

Estes conceitos fortalecem o envolvimento no sistema, produtividade e tem ligação com o capital e mão de obra. Um destaque para Costa Junior (2008) que trata da eficácia com baixos custos na produção.

Para efeito de construção de produção ética, segundo Sousa (2007), a crítica marxista, na da história, numa perspectiva transformadora cita-se a *educação omnilateral* da classe trabalhadora, na qual está inserida na produção de homens conscientes e livres, com capacidade de conhecer, fazer “intervenção, além de se apropriar e dominar o processo de produção material e espiritual ao longo do movimento histórico da humanidade” (Sousa, 2007, p. 3).

Após apresentar o conceito de produção no ponto de vista de diversos autores. Segue-se o estudo relacionado ao conceito de sustentabilidade.

2.1.3 Conceito de Sustentabilidade

Segundo Veenan e Polytilo (2003),tem ligação com as pressões econômicas atuais. Já Degani, (2003) citado por Silva e Quelhas (2006), a sustentabilidade é analisada como garantia de direito aos países subdesenvolvidos. Porém, segundo afirma Rattner (2009)é um conceito produtivo que tem a centralidade nas pessoas³. Conforme Wilkinson et al. (2001) citado por Silva e Quelhas (2006), o conceito de sustentabilidade apresenta a preocupação sobre sua manutenção, renovação e a recobramento de recursos naturais, incluindo de forma prioritária a dimensão ética de ajustamento, em que percebe as pressões econômicas da atualidade com as obrigações ambientais do futuro.Segundo Veenan e Polytilo (2003),citado por Silva e Quelhas (2006),sustentabilidade pressupõe enquadramento dos objetivos múltiplos,em quatro conteúdos críticos: de forma crescente, distribuição, ambiental e institucional.

³A Revista Abril (2010), o conceito de uso sustentável da natureza está nas principais ações que visam preservar o meio ambiente. Definido em 1987, no documento nosso Futuro comum, assumindo muitas formas: alimentos orgânicos, como alternativa ao uso de agrotóxicos; energias limpas, em substituição às de origem fósseis, à solar e à eólica, energia que vem dos ventos; madeira certificada, produção ou extração de forma respeitável a natureza, com certificação internacional.

Degani (2003), citado por Silva e Quelhas (2006), a Agenda 21, consolida os modelos tradicionais de crescimento que devem ser modificados para recondução dos desgastes da sociedade industrializada, procedendo com fundamento em princípios em direção ao desenvolvimento sustentável, na garantia do direito ao desenvolvimento, tendo como prioridade os países que apresentam níveis enormes de pobreza.

Para Rattner (1999), muitas Organizações Não Governamentais ONGs, no ponto de vista crítico, adotaram o conceito de concepção oficial, para o desenvolvimento do governo ou agências internacionais que concebem a sustentabilidade como um começo que estrutura o processo de desenvolvimento voltado para as pessoas, como fator motivador pelos esforços da sociedade, a partir da transformação das instituições sociais, pelos modelos de procedimento e os valores dominantes.

Segundo Rattner (1999), a definição de sustentabilidade seria aplicada às indústrias baseadas em matérias-primas não-renováveis e uso intensivo de recursos energéticos produzindo grandes quantidades de bens não recicláveis. Então, conforme Rattner (2009), há necessidade de construir um novo paradigma de desenvolvimento, que seja cooperativo e solidário, com distribuição equitativa do produto social com a finalidade de reformular o sistema político, buscando a superação dos padrões autoritários, para a construção do modelo que seja participativo e de cogestão.

O conceito de Rattner (2009) é representado pelo consenso crescente que implica democracia política, equidade social, eficácia econômica, diversidade cultural, proteção e conservação do Meio Ambiente. Nestas regiões que mantêm a permanência do meio ambiente, há necessidade de auditorias ambientais, como ferramentas “de auxílio à efetivação do mais novo Direito Humano Fundamental, que é o Direito ao Meio Ambiente ecologicamente equilibrado.” (Lima, 2013, p.60).

A partir dessas apreciações pode-se afirmar que sustentabilidade está ligada ao Meio Ambiente amparado na sociedade democrática inserida com eficiência política. Com inclusão da diversidade cultural.

Na atualidade fala-se da mediação de informações que circulam na rede, podem favorecer para atuação de ONG nas Redes de informações, auxiliando as pessoas a agir para a atividade

política, para a construção de rede social ecológica (Morigi & Krebs,2012). Ou seja, uma atividade de sustentabilidade cibernética.

“Verifica-se que a sustentabilidade tem sido muito discutida tanto no meio acadêmico como empresarial, no entanto as ferramentas existentes para mensurar o grau de sustentabilidade ainda apresentam-se deficitárias, por não apresentarem um método completo de medição ou de fácil acesso, apresentando-se ao alto custo para sua aquisição.” (Satolo, Silva, & Simon, 2012 p. 140).

Após conhecer a sustentabilidade também como modelo de cogestão a nível: cultural inserida no meio ambiente. A seguir um estudo sobre o conceito de autogestão.

2.1.4 Conceito de autogestão

Segundo Tauile (2001), a economia solidária teve seu início no Rio Grande do Sul, na década de 80, uma prática social diferente. Conforme Tauile (2001), esta prática social voluntária, se expressa na economia, considerada a autogestão. O mesmo confirma a Associação Nacional de Trabalhadores e Empresas de Autogestão– ANTEAG (2014) em novas experiências brasileiras realizadas pela ANTEAG (dentro de uma ótica menos rigorosa contextualizada no cotidiano), se situam no problema de origem da autogestão, que deve ser entendida, como um projeto de sobrevivência, ou seja, se trabalho com os excluídos do capitalismo, prioritariamente os setores econômicos mais fragilizados. Para a ANTEAG (2014), a Autogestão é uma forma de organização coletiva essencialmente democrática. Com inclusão da comunidade, escola, empresa, etc. No envolvimento de seus membros e grupos, em ser participação integral e abrangente no acesso às informações, conhecendo processos e, oferecendo apoio à autonomia e autodeterminação.

Para a UNESCO - Organização das Nações Unidas para educação, ciência e cultura (1982, p.8), a autogestão é “uma nova forma de os indivíduos assumirem responsabilidade de suas atividades, sem intermediário, com o poder de influenciar sobre o conteúdo da organização dessas atividades em diferentes esferas da vida econômica e social”.

Nesse sentido, a autogestão não deveria ser a utopia de uma sociedade perfeitamente estável, mas, sim, deveria conduzir à ideia de uma revolução inacabada (Jouvenet, 1985). O conceito está implícito a transformação pedagógica de autogestão, que se inicia desde a infância, depois na escola e por último na prática política (Jouvenet, 1985).

Para Gadotti (1992, p. 20), “a autogestão seria apenas possível quando o conjunto da sociedade também fosse regido pelo princípio da autogestão...” Segundo ele, “Autogestão não se confunde com participação, pois participar significa engajar-se numa atividade já existente com sua própria estrutura e finalidade. A autogestão visa à transformação e não a participação.” (p. 15). Portanto, a palavra autogestão significa a gestão da empresa pelos trabalhadores. Enquanto cogestão significa que a empresa é administrada pelos trabalhadores, mas mantendo a mesma estrutura burocrática. (Gadotti, 1992).

Conforme Bonduki (1992p. 19), a autogestão é “como uma organização autônoma da sociedade civil, cota com o apoio e o financiamento do poder público, equaciona a produção de moradias com a participação dos moradores e a introdução de avanços tecnológicos e sociais que só o trabalho coletivo pode propiciar.” Ou seja, “a partir do relato da experiência uruguaia, toma forma no Brasil, em campo habitacional, o conceito de autogestão como sendo o trabalho de construção e gestão”.

Os conceitos sobre autogestão sugerem uma maior participação democrática na gestão e decisão voluntária, seja na escola, nos movimentos sociais, associações comunitárias, ou mesmo a própria sociedade, numa visão de solidariedade. Isto mostra a ligação entre autogestão e economia solidária.

O conceito da “autogestão, ou seja, os empreendimentos de economia solidária são geridos pelos próprios trabalhadores coletivamente de forma inteiramente democrática, quer dizer, cada sócio, cada membro do empreendimento tem direito a um voto.” (Singer, 2008).

Após revelarem-se os conceitos das variáveis. Seguem a construção das hipóteses com base no modelo conceitual.

2.2 Hipóteses e modelo Conceitual

2.2.1 Organização e autogestão nas entidades de TC

O objetivo desta parte do trabalho é fazer a relação entre Organização e Autogestão nas entidades de TC. Como também apresentar uma hipótese de acordo com as questões elencadas acima. Os Autores pesquisados: Ministério do Turismo (MinTur) (2010); Maldonato (2009); Barbosa e Coriolano (2012), Silva e Midlej (2012).

Segundo o MinTur (2010), recebem visibilidade na academia, na mídia, e no setor público as várias experiências de organização turística. Apresentam várias denominações como Turismos: de Base Comunitária (TBC), Solidário, e de Conservação, existem “entre outras denominações, no mundo, em particular na América Latina.” (MinTur, 2010, p. 15).

Referindo-se ao TC o MinTur (2010, p. 15), afirma “embora cada conceito traga sua especificidade, podemos traçar como princípios comuns entre as diversas definições: autogestão; associativismo e cooperativismo; democratização de oportunidades e benefícios; centralidade da colaboração, parceria e participação; valorização da cultura local e, principalmente; protagonismo das comunidades locais na gestão da atividade e/ou na oferta de bens e serviços turísticos, visando à apropriação por parte destas dos benefícios advindos do desenvolvimento da atividade turística.”

O autor considera cada conceito como forma de participação, ou seja, a organização voltada para a cooperação democrática contribuindo com a cultura da localidade. Portanto, as organizações, através de redes, utilizam o turismo como alternativa organizativa, realizando o procedimento para o benefício da comunidade ao gerar renda e promover à autogestão.

Para Barbosa e Coriolano (2012), a economia solidária consiste em um modo de organização voltado para o trabalho em parceria com princípios do cooperativismo e autogestão. Quando associada ao turismo dar procedência ao comunitário. Então, a comunidade local coordena e executa os serviços tais como: hospedagem, alimentação, roteirização e guia. São ações organizadas construída de tarefa voltada para autogestão. Esta é a base que fortalece a comunidade, com o foco no cooperativismo solidário.

Então, o TC na sua visão organizacional e empresarial é valorizada e enriquecida na autogestão sustentável, como afirmou Maldonato (2009, p. 31) seria “uma forma de

organização empresarial sustentada na propriedade e na autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários, de acordo com as práticas de cooperação e equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação dos serviços turísticos. A característica distinta do T.C é sua dimensão humana e cultural, vale dizer antropológica, com o objetivo de incentivar o diálogo entre iguais e encontros interculturais de qualidade com os visitantes, na perspectiva de conhecer e aprender com seus respectivos modos de vida”.Depara-se a força da comunidade organizada para gerir seus negócios prestando serviço cooperativo, de cunho empresarial, com o diferencial: distribuição de tarefas e de renda.

Pode-se aplicar uma integração do TC relacionando a Sustentabilidade e Autogestão no contexto do TC em se situa como modelo de atividade favorável a participação e gestão das pequenas comunidades no processo de gestão com os atrativos. Garantindo autonomia e preservação cultural e ambiental dos seus recursos turísticos, para o favorecimento dos benefícios gerados pela atividade que contemplam as necessidades da comunidade. (Silva e Midlej (2012).

Hipótese 1

Assim, podemos colocar a nossa primeira hipótese:

H1: O nível de organização mostrou-se modelo de gestão eficaz, como meio de chegar à autogestão influenciando positivamente no TC.

Após relacionar organização com autogestão e construir a primeira hipótese.A seguir será feita a relação entre produção e autogestão nas entidades de TC.

2.2.2 Produção e autogestão nas entidades de TC

O objetivo desta parte do trabalho é fazer a relação entre Produção e Autogestão nas entidades de TC Como também possibilitar à síntese do estudo a construção da hipótese apresentada no modelo conceitual. Autores pesquisados: Lima; Mendes e Hora (2011); Cruz, Camargo e Guzela (2007); Fabrino, Costa e Nascimento (2011); Crisóstomo (2009) e Minc (1997).

A produção na ótica do TC é a comunidade buscar a autogestão, por seus próprios meios. No aproveitamento dos recursos naturais.Além da criação de atividades que envolva a cadeia produtiva. Estes são os elementos essenciais para a sobrevivência e desenvolvimento local. Através destes recursos há o favorecimento do seu crescimento produtivo. Comprovado a

partir dos benefícios vindos da própria comunidade, evitando dependência exterior.(Lima; Mendes & Hora, 2011), a comunidade com os próprios recursos contribui para sua produção evitando dependência exterior. Através do cultivo próprio independente há uma relação com a produção da comunidade, para depois decidir como aplicar o excedente.

Outro aspecto em relação à produção seriam como afirmam Cruz, Camargo e Guzela (2007), as razões e motivações dos visitantes na escolha do um local para suas viagens no período de férias têm ligações diretas ao que apresenta de produtos no destino, abrangendo: a cultura, a saúde, os negócios, episódios, sol e praia, desporto, ecoturismo e devocional. Bem como por sua vez, esta aptidão está conectada aos dotes da natureza, sofisticação, culturais e comunitários, no que existe na localidade de destinos turísticos. Este produtos são serviços prestados aos turistas.

A comunidade realiza as ações voltadas para o TC, capaz de produzir seus próprios bens, como forma de desenvolver sua gestão pela sociedade, este suporte organizativo contribui para fortalecimento da organização comunitária. Para desenvolver a autogestão colegiada. Segundo Fabrino, Costa e Nascimento (2011),o conceito de TC, inclui alguns elementos de gestão, tais como:

Dominialidade: tem relação com o potencial de domínio da comunidade sobre os aspectos de organização, influência, propriedade e gestão da atividade turística;

Interculturalidade: relaciona-se com a interação cultural e a troca de experiências estabelecidas entre os turistas e a comunidade local.

Organização Social: identificação com o modelo e processo de gestão comunitária em torno do TBC, interagindo pelo ambiente externo, por meio da participação em redes, comitês, conselhos etc.;

Repartição de Benefícios: organismos de distribuição de renda, de modo inclusivo, em projetos beneficiando a comunidade da atividade turística;

Integração econômica: a consistência do turismo e as atividades econômicas tradicionais, amoldando-se os novos arranjos produtivos locais surgidos a partir do seu advento;

Por último, apresenta-se a Gestão dos bens comuns: interagindo com as instituições internas e articulações externas, como iniciativas comunitárias na gestão e preservação dos bens.

A partir desta compreensão da produção própria da comunidade, dos recursos naturais, faz-se necessário compreender o que seja o produto turístico, para isto recorre-se a Crisóstomo (2009), que discorreu sobre bens e serviços relacionados de forma direta com as diversas variedades turísticas. Exemplificou como conjunto de atrações naturais e artificiais, ou seja tudo que possa vir a afagar o turista em seu lazer e prazer, relacionados a Produção.

O produto Turístico como bens e serviços pode agradar ao turista, como repouso e distração. Proporcionando a comunidade que atua com estas atividades de lazer, possa organizar seu modelo de gestão. Enquanto, o associativismo e cooperativismo estão a disposição com seus benefícios e ofícios. É uma maneira de atrair recursos para a comunidade, ao valorizar a natureza. Para tanto organizam reuniões e debates, fortalecendo a gestão participativa que é a autogestão.

No pensamento de Lima; Mendes e Hora (2011, p. 5), o “cooperativismo e associativismo; autogestão; centralidade da participação, parceria e participação; democratização de oportunidades e benefícios; valorização da cultura local” são meios de construção do protagonismo nas comunidades locais, além da gestão das ações “e na oferta de bens e serviços turísticos, visando à apropriação dos benefícios advindos da atividade turística”.

Estas características possibilitam uma relação efetiva, no jeito de se organizar com o fator produtivo em cooperativa, para depois abranger a centralidade nas decisões, de forma coletiva e autogestionária. Sobre centralidade do planejamento é o que será tratado no parágrafo seguinte. Conceito criado a partir do socialismo. Termo utilizado pela Ação Católica Operária – ACO, que através da sua prática do associativismo cristão, e o sindicalismo construiu o sistema popular (Portelli, 1990). Proporcionando neste período a divisão do trabalho em nível social.

No entendimento de Minc (1997, p. 106), a noção de autogestão tem o fundamento na autonomia concebida pelos movimentos sociais, cultural e sindical do século XX, eles opunham à opressão da época. Com seu modo de enfrentar a opressão desenvolveram meios de autogestão e cooperativas. Superaram o planejamento centralizado. Mesmo que ainda

exista esta centralização no planejamento, os operários foram criando meios de superação dessa centralização com mais participação.

Para Minc (1997), deve haver uma superação do poder tecnológico economicista que não valoriza o autodidata, que não tem diploma, mas tem o saber popular, como também o saber oral comunitário, entre outras sabedorias, como medicina alternativa, além do conhecimento dos espaços históricos onde habitam. Então, as comunidades para interferir no poder público devem participar, com a criação do orçamento participativo. Escolher os conselhos nos bairros e comunidades, para dividir os recursos que podem ser aplicados nas comunidades. Constituindo então, a democracia direta, combinando com democracia representativa. Esta forma de participação incentiva para a produção de conhecimento comunitário.

Minc (1997), ao citar o Sociólogo Betinho, sociólogo, fala do conceito de autogestão das empresas públicas, como a criação de conselhos gestores. Para ele a empresa pública não deve se submeter ao capital, mas atuar dentro das dimensões sociais. Dirigida por Conselho da Comunidade, com ampla participação, que possa utilizar metas e gerar uma nova realidade brasileira, também no mundo empresarial.

Para Minc (1997, p. 106), há diversas maneiras de a comunidade participar da gestão de órgãos públicos, como: TV pública, serviços públicos de esgotos, telefonia e saneamento básico, com controle de tarifas e qualidade dos serviços. Com este modelo de gestão comunitária é possível criar alternativas para a política no Terceiro Mundo, com soluções criativas diante de sobras (resíduos sólidos), o abastecimento de água e a matriz energética, para o bem agrário e urbano.

Em relação ao produto turístico há as categorias que conforme Crisóstomo (2009) são atividades ligadas relacionadas a utilidades e serviços para atender as necessidades dos turistas. Nisto está implícito a oferta turística. Caracterizada em: atrativos turísticos; Equipamentos e serviços turísticos; infraestrutura de apoio turístico. Nas organizações que atuam no TC, possibilitam agilizar as políticas públicas, através da participação nos conselhos comunitários, para que possa ser implementada nos equipamentos em vista de atingir seus objetivos que é a satisfação dos clientes e da comunidade. Tudo isto passa pela gestão da comunidade que elabora seu planejamento coletivo para o bem de todos, os residentes e visitantes.

Outro fator importante como produto turístico é o mercado do produto turístico, nele é possível elaborar a estratégia de marketing, segmentação direcionado a estes produtos turísticos. Toda estratégia é montada de forma coletiva, através dos seminários, congressos e reuniões dos representantes.

Cabe também mostrar a importância da marca, muito relevante para as empresas na indústria turística. Ela pode ser muito lucrativa, quando é conhecida e tem tradição familiar. O TC tem a sua marca escolhida pelo coletivo, expressado na rede de TC, a Rede Tucum. A escolha da marca é de modo autogestionário, porque tem a simbologia da Rede de Tucum, entrelaçando dos fios, de forma organizada as redes interligam com as comunidades. (Fig. 1).



Figura 1 -Logo marca da Rede Tucum

Fonte: Apresentação Power Point Rede Tucum.

O texto procurou fazer a relação da produção turística com as entidades que praticam autogestão no TC. Com o pensamento de alguns autores chega-se a considerar que a produção turística com seus elementos e características possibilitam uma prática solidária em sua maneira de gestão.

Assim, podemos colocar a nossa segunda hipótese:

H2 - O TC proporcionou aos residentes a produção, através do aproveitamento dos recursos naturais, por meio disto desenvolver autogestão própria pela comunidade.

A seguir a relação sustentabilidade e autogestão nas entidades de TC.

2.2.3Sustentabilidade e Autogestão nas entidades de TC

Esta parte tem como objetivo fazer a relação entre Sustentabilidade e Autogestão em TC. Atores pesquisados: ANTEAG (2014);MinTur (2010); Coelho (2004); Mendonça (2004);

Maldonato (2009; Fayol (1958); Maldonato (2009);Leite (2009); Silva (2013) e Tauile (2001).

Segundo Silva (2013, p. 64), “enquadrando todas as preocupações ambientais e humanas, a Carta da Terra apresenta uma abordagem holística e uma visão sistêmica para um mundo futuro ideal.” A Carta da Terra expõem os princípios éticos que serão de agora em diante discutido em todo mundo. No conceito da ANTEAG (2014), há sintonia com autogestão, por ser um projeto de sobrevivência, como afirma Tauile (2001), desde sua origem a economia solidária é uma prática voluntária, ou seja, uma prática social diferente.

Para Coelho (2004), estas organizações existem e precisam de bens e serviços para sobreviver, além de serem responsáveis para produzir esses benefícios em meios de sobrevivência. Que serão prestados pela comunidade, através da associação, que é uma forma de construção de rede de integração, com outras instituições, para construir sua autogestão. Com este procedimento a comunidade procura gerar renda e promover a autogestão, com apoio de suas entidades, que executam a governança pelas entidades associativas (Maldonato, 2009), ou seja conforme ANTEAG ela trabalha com os excluídos do capital, aproximando dos setores fragilizados. Seria uma ideia inacabada como afirma Jouvenet (1985).

Segundo Cury (2000, p. 116),citado por Guedes (2008), a organização é um aparelho planejado com o esforço em cooperativa, sendo que o participante desempenha seu papel a partir dos deveres e tarefas a destacar. Conceito de organização inserido no modelo de autogestão e economia solidária. Economia organizada pelos grupos do TC.

Seguindo este pensamento Leite (2009), apresenta as práticas que incluem a criação ou a segurança no emprego; a fabricação e a venda coletiva; a moradia social; a poupança e o crédito solidários; as trocas; os ofícios coletivos de saúde; a proteção em comunidade ao meio-ambiente; a segurança alimentar saudável; o apoio à criatividade e atividades individuais ou coletivas e invenção de novos serviços. Estas cooperativas (de consumo, de trabalho, de produção e de crédito) são de fato meios importantes, conseqüentemente por seu desempenho, as práticas sociais desenvolvem, de fato, os clubes de troca, a autoconstrução coletiva, o microcrédito ou o crédito solidário, os jardins comunitários, as cozinhas coletivas, os serviços da vida cotidiana e o cuidado com crianças ou idosos.

Quando associada ao turismo surge o tema da comunidade, ela de forma localizada coordena e executa os serviços ligados às atividades, de hospedagem, alimentação, roteirização e guia. São elementos que a organização predispõe para efetivar o trabalho de autogestão, com base na força da comunidade de forma solidária.

Portanto, o TC em sua maneira de organização empresarial apresenta o aspecto de autogestão sustentável, isto é, liderado pelo poder da Comunidade local. Segundo Maldonato (2009), o TC é a forma de organização empresarial sustentado na propriedade. Como também na autogestão sustentável nos recursos e patrimônios das sociedades. Pela prática cooperativa e equidade no trabalho, além da distribuição dos benefícios gerados na prestação dos serviços turísticos. Se distingue o TC pela sua dimensão humana, cultural e antropológica. Por isto, tem a finalidade de incentivar o diálogo entre iguais, por meios de encontros interculturais com os visitantes. Procurando conhecer e aprender com seus respectivos modos de vida. (Maldonato, 2009).

Neste sentido depara-se a força da comunidade organizada de forma sustentável para gerir seus negócios prestando serviço cooperativo, de cunho empresarial, com o diferencial, ao fazer a distribuição de tarefas e de renda, como modelo de autogestão.

Assim, podemos colocar a nossa terceira hipótese:

H3 - O TC apresenta o modelo de autogestão sustentável e alternativo para os visitantes aprenderem com os residentes seu modo de vida.

2.2.4 Modelo Conceitual

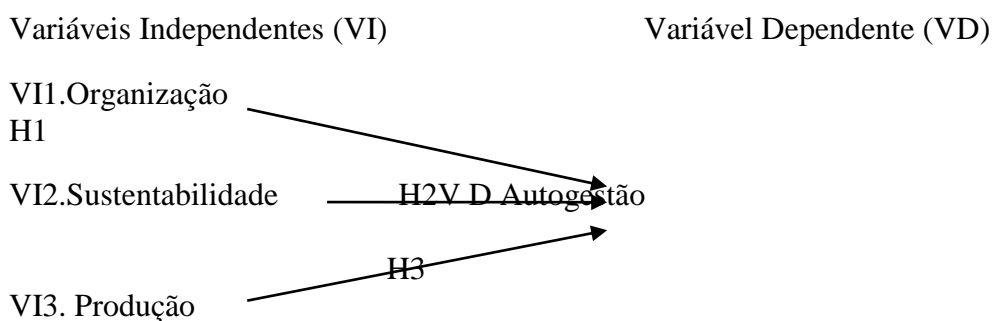


Figura 2 Relação das Variáveis e Hipóteses

Fonte: elaboração do Autor e Álvaro Dias

Variável Independente 1: Organização relaciona-se com a Variável Dependente (VD)Autogestão - H1

A Variável Independente 1 (VI1) organização tem como H1

H1- O bom nível de organização mostrou-se modelo de gestão eficaz, como meio de chegar à autogestão influenciando positivamente no TC.

A Variável Independente 2 (VI2) tem como Variável Produção a H2

H2 - O TC proporciona aos residentes a produção através do aproveitamento dos recursos naturais, por meio disto desenvolve autogestão pela própria comunidade.

Variável Independente 3 (VI3)Sustentabilidade se relaciona com a Variável Dependente Autogestão (VD)- Hipótese 3

H3 - O TC apresenta modelo de gestão eficaz e sustentável como alternativa para os visitantes aprender com os residentes o seu modo de vida.

A Variável Dependente Autogestão tem ligação com todas as Variáveis V1, V2, V3.As Variáveis Independentes (VI) 1, 2, e 3 relacionaram com a Variável Dependente (VD) Autogestão.

3. Metodologia

3.1 Desenho da Investigação

Esta pesquisa é de caráter qualitativa e descritiva. Recorre-se na irrupção empírica de informação junto às fontes, tais como: entrevista pessoal e documentos disponíveis no Instituto Terramar. Com acesso aos teóricos e bibliográficos.

Segundo Yin (2001), o estudo de caso tem que ser “atraente” e reunindo alguns atributos básicos como: engajamento, estímulo e encanto. A produção de um estudo de caso determinado pesquisador, entusiasmo em relação à inquirição, além do anseio a difusão dos resultados obtidos. O engajamento deve ser frequente neste trabalho.

Segundo Yin (2001), o estudo de caso é um método de pesquisa em ciências humanas, competindo ao estudioso ir até às documentações dentro do contexto examinado, na direção do que não foi razoável “a olho nu”. Numa visão holística da realidade dos fatos, através da verificação técnica nos acontecimentos da atualidade. Na pesquisa o tipo de estudo de caso se for descritivo o pesquisador, descreve os fenômenos contemporâneos e dentro do contexto com base na “olho nu,”.

Segundo Yin (2001), em relação aos projetos de caso único em sua potencialidade, simula um projeto corriqueiro para realizar estudos de caso, com as duas variantes: as que empregam projetos holísticos e as que usam integrações agrupadas de análise.

Yin (2001), anuncia sobre a relação, fontes de dados, nos estudos de caso modificam de acordo com a natureza do caso pesquisado. Essas fontes podem ser:

- **Documentais:** a pesquisa documental é a coleta de dados. Após coletar e analisar o material precisa-se confirmar as evidências de outras fontes com acréscimo de informações. Ponto negativo: os documentos às vezes não tratam da realidade.

Neste aspecto Yin (2001), afirma da importância de extração das situações e das razões de origens da documentação. Elas fornecem “rastros” de outros dados.

Continua Yin (2003), no estudo de caso pratica-se a triangulação de dados como meio de validação. O autor apóia o uso de múltiplas fontes de evidência para o mesmo fenômeno; para

a construção de uma base de informações, através de notas, documentos, tabulações e narrativas (interpretações e descrições dos eventos observados, registrados etc.); situando uma cadeia de evidências, para que ao ler apreenda as evidências, em seguida validar o estudo, a partir das questões de pesquisa até os acabamentos finais.

Dentro do estudo metodológico na introdução no livro Yin(2003), Campbell ensina que a metodologia das ciências sociais precisa de um método do estudo de caso que seja uma pesquisa humanizada. Para ser validado, não fazer uso da quantidade ou de testes de valor. Mesmo que trabalhe a partir das mesmas questões, e divida os mesmos objetivos de conhecimento. Por isto, se optou pela metodologia humanística que dentro das ciências sociais podem compreender a significância deste estudo de caso.

Na proposta de Yin (2001), as características na verdade são distintas do método de estudo de caso, durante o período das fases da pesquisa, como: definição do problema, delineamento (planejamento, esboço) da pesquisa, coleta e análise de dados, composição e apresentação dos resultados.

Yin (2001), lembra que o estudo de caso é uma forma, na qual possa analisar os acontecimentos da atualidade, mas quando não manejado as condutas definidas. Para ele, o estudo de caso é diferente diante de alternativas de pesquisa na disposição do esforço com destaques adquiridos pela observação direta ou por uma sequência sistemática de entrevistas.

3.2 Instrumentos de Medida

A observação direta é um guia de análise, a “olho nu”, ou seja, umas das fontes de evidências, o ponto forte, a realidade - abordamos acontecimento sem tempo dentro do contexto atual do evento. O ponto fraco leva muito tempo, seletividade – segue espaços acoberta, reflexibilidade- o caso pode ocorrer de forma distinta pelo fato de está sendo notado(Yin, 2001).

Nesta atividade foram feitas observações diretas a partir das variáveis: organização, produção, sustentabilidade e autogestão. Descrição da observação in loco na sede do Instituto Terramar, o roteiro de seguiu algumas observações em entrevista com Rosa Martin Pereira.

3.2.1. Organização

No Instituto Terramar há colegiado são pessoas com papéis definidos. As informações acontecem por meio do dialogar entre os dirigentes. Rosa Maria Martins Pereira (RMMP) é a responsável pela articulação da comunicação entre o Instituto Terramar e as comunidades que praticam o TC. Outra atividade dela é tarefa de assessorar as lideranças que compõem os Grupos de Turismo Comunitário (GTs) como mostra a figura quatro (4) sobre Estrutura organizacional da Rede Tucum. Quem compõe os GTs são os responsáveis para a multiplicação dos treinamentos em suas organizações locais. Conforme Rosa os GTs organizam atividades turísticas na comunidade, em geral fazem parte da Associação Comunitária local. Abrigam subgrupos que realizam serviços especializados, como: hospedagem, passeios e trilhas, alimentação e lazer. A escolha da coordenação para o grupo acontece a cada dois anos.

Após observação da organização foi possível descobrir que um projeto do Terramar, é a criação da Escola Popular de Turismo Comunitário. Um sonho da entidade com o objetivo de formar lideranças jovens para efetivação do trabalho de gestão, em busca de eficácia no gerenciamento permanente nas Comunidades, papel principal a ser desenvolvido pelo GT.

3.2.2 Produção

Foi observado que o Instituto Terramar, não produz bens materiais ou produtos artesanais, mas produz conhecimentos e reflexões sobre a organização dos Povos do Mar na Zona Costeira do Ceará, entre várias organizações, a Rede Tucum. As comunidades sempre levam seus produtos para vender ou trocar para sua manutenção em parceria com o Terramar. Então, o foco da entidade é trabalhar com a produção de conhecimentos na área de gestão solidária, objetivando construção de sociedades autogestionária dos Grupos que vivenciam o TC. Observa-se também uma larga produção de documentos que são divulgados na Internet, por meio de sites, blogs, cartilhas e manuais. Em geral as despesas são distribuídas pela Rede Tucum e seus parceiros, as entidades Governamentais e Não Governamentais. Foram vistos nos folders, algumas organizações que apóiam a divulgação, projetos e financiam a organização: Viação Aérea Tam, Ministério do Turismo, Projeto Bagagem e Museu da Pessoa.

Na observação direta, após o diálogo informal com RMMP, ela declarou que as comunidades que praticam o TC apresentam variedades de produtos. Todos adquiridos pela própria comunidade. Uma das ações significativas é a comercialização de produtos e mercadorias entre os vizinhos, e compra no mercadinho da comunidade. A criação de pequenos animais é utilizada como alimentos diários, e os excedentes são vendidos aos turistas. Gerando renda e sustentabilidade.

A reciclagem de material pela própria comunidade é constante, proporciona o trabalho com renda e fabricação de colares. Atende ao processo de sustentabilidade, pois são objetos tirados da natureza sem a prejudicá-la.

Após estas observações, as quais foram identificadas na visita, de acordo com a variável produção. A seguir observa-se a partir do contexto da variável sustentabilidade.

3.2.3 Sustentabilidade

A variável sustentabilidade é vista na organização Terramar. Desde o espaço físico, como nas atividades realizadas, por apresentar forma circular proporcionando ao ambiente áreas de diálogo democrático. As reuniões acontecem de forma equilibrada devido às cores e enfeites que despertam para a sobriedade e solidariedade. Isto transmite mística, energia e força vital aos que visitam o ambiente. As salas proporcionam aconchego e acolhida. Todos

desenvolvem as tarefas em sintonia e felicidade. Demonstram carinho e afeto pelos Povos do Mar e a Rede Tucum especificamente. É neste espaço físico que nasce a criatividade teórica dos projetos da Rede Tucum, provocando solidariedade e sustentabilidade humana. Apoio as iniciativas de preservação da Costa Marítima do Ceará. É o legado do Instituto para as futuras gerações.

No salão onde ocorrem os treinamentos holísticos, há um grande espaço circular onde as comunidades aprendem como produzir os alimentos sustentáveis com aproveitamento de sua capacidade produtiva, como: em artesanato, brincadeiras de roda, lazer e produção de alimentos saudáveis. O salão é ornamentado com produtos feitos pela Rede Tucum, em geral são produtos sustentáveis. Além de ser o espaço da meditação macroecumênica entre os membros. Onde pode descarregar as energias negativas provocadas pelo cansaço.

Nesta parte foi feita a observação da variável sustentabilidade no ambiente de trabalho onde se dar a gestão do Terramar. A seguir apresenta-se a variável autogestão.

3.2.4. Autogestão

A variável autogestão é observada no espaço de gestão. Pelo fato do Instituto Terramar ser um grupo de assessoria, e apóia institucionalmente a Rede Tucum, fazendo parte da Coordenação Executiva da Rede, que é eleita em Assembleia. A gestão é colegiada e existe em cada comunidade o GT e sua coordenação, que vem compor a Coordenação colegiada da Rede Tucum. O modelo de gestão dos grupos da Rede Tucum passa por duas atividades hipotéticas e teóricas conforme Pereira (2013), Cadernos de Normas da Rede Tucum, uma espécie de manual que contém os princípios da organização, como mostra a seguir alguns itens:

- a) gestão comunitária coletiva, através do GT que é o responsável pela gestão dos serviços e prestações de contas;
- b) gestão familiar: unidade familiar responsável pela organização, gestão dos serviços e prestação de contas junto ao GT (Pereira, 2013).

Nesta parte foi visto como a relação existente entre os grupos da Rede Tucum favorece a autogestão, observa-se que há integração entre os agrupamentos familiares e comunitários. A seguir a entrevista com Rosa Maria Martins Pereira.

3.3. Entrevista

A entrevista informal com Rosa Maria Martins Pereira foi realizada no escritório do Terramar, onde é Coordenadora de Relações Institucionais do Instituto Terramar e, atualmente, integra a Coordenação da Rede Tucum. Ela é assessora do Programa de Desenvolvimento Solidário.

Após a entrevista foi feita uma visita aos estabelecimentos do Instituto. As perguntas seguiram o roteiro das variáveis: organização, produção, sustentabilidade e autogestão.

Figura 3 - Rosa no Encontro de Tecnologia Social.

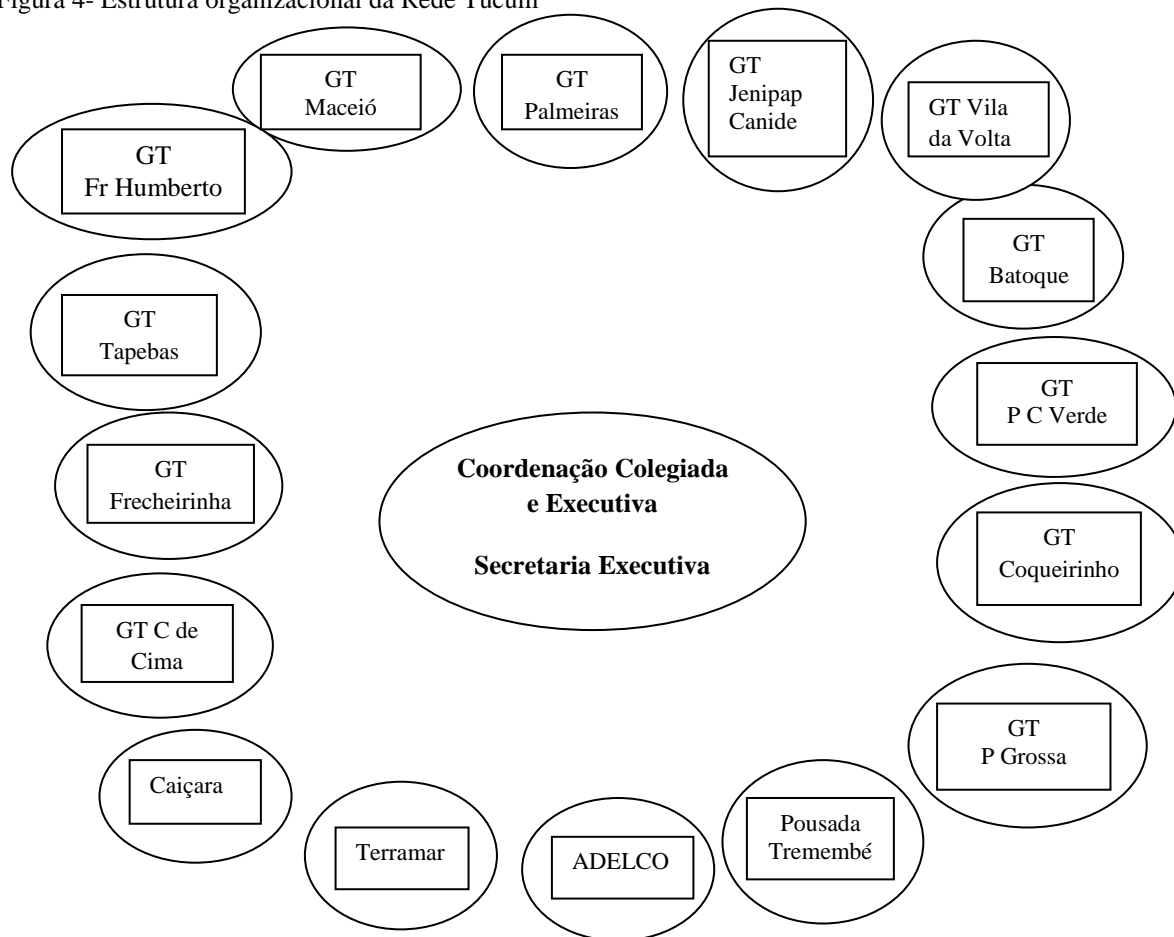


Fonte: Apresentação Power Point Rede Tucum.

1. Como é feita a organização dos serviços do Instituto Terramar?

Segundo RMMP – Esta resposta deve está presente no trabalho, por ser um objetivo relevante.

Figura 4- Estrutura organizacional da Rede Tucum



Fonte: Elaboração do Autor com base em Slide Power Point da Rede Tucum

Qual a produção da comunidade?

RMMP: A estratégia é tentar oferecer alimentos de qualidade na medida do possível produzido organicamente na comunidade. A Culinária busca o aproveitamento da cadeia alimentar saudável e criativa, com isto a comunidade realiza oficinas de culinária para a valorização dos produtos regionais. Principalmente tendo como base a utilização dos mariscos e pescados na preparação das refeições oferecidas aos visitantes. Com esta prática é possível evitar o consumo de material enlatado e industrializado.

Observa-se ainda que em algumas comunidades tem potencialidade para produzir alimentos saudáveis nos quintais produtivos. Que através de oficinas e intercâmbio realizam cursos para

a produção de doces caseiros contando com matéria-prima disponível, como é o caso do coco da praia, disponível em toda região. Antes do TC não havia este incentivo.

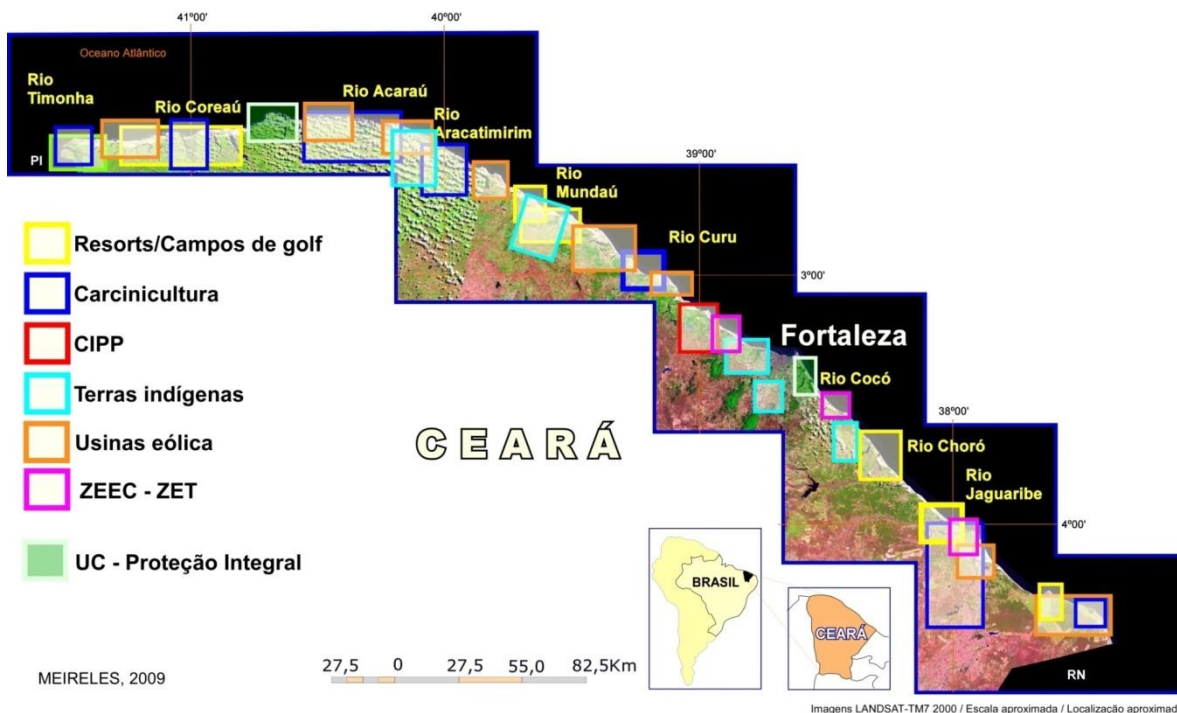
Como o grupo trabalha a sustentabilidade nos outros grupos dependentes?

RMMP: Observa-se ainda que em algumas comunidades tem potencialidade para produzir de alimentos saudáveis nos quintais produtivos. Que através de oficinas e intercâmbio realizam cursos para a produção de doces caseiros contando com matéria-prima disponível, como é o caso do coco da praia, disponível em toda região. Antes do TC não havia este incentivo. Como o grupo trabalha a sustentabilidade nos outros grupos dependentes?

RMMP: o trabalho dentro do grupo sobre a sustentabilidade está presente nas conversas informais, como também no local onde são feitos os trabalhos administrativos. Na sede do Instituto Terramar, há o espaço amplo que proporciona as pessoas oportunidade de reflexão com qualidade.

Em todas as salas há acesso a internet. Há um espaço onde fica um auditório circular onde as pessoas se reúnem para construir oficinas, assembleias em vista da construção de projetos sociais.

Figura 5 – O território dos conflitos: terra, água, energia, biodiversidade. (Índios, Pescadores, Quilombolas, Marisqueiras, Ribeirinhos, Camponeses).



Fonte: Slide Power Point Rede Tucum

Como o grupo realiza a Autogestão nas outras organizações ligadas ao Instituto Terramar?

RMMP: São Constituídas as parcerias institucionais que viabilizam a realização de projetos e iniciativas de trabalho junto às comunidades e redes de sustentação do projeto do Instituto Terramar. Conforme demonstrou a estrutura de participação na Rede Tucum. Sua estrutura é descentralizada com atribuição e princípios de democracia direta, transparência e igualdade de gênero, raça e etnia.

A estrutura organizacional é formada pelas seguintes instâncias: Assembleia, Coordenação Colegiada, Coordenação Executiva e Secretaria Executiva.

O Instituto Terramar foi escolhido em Assembleia para ser responsável pela secretaria executiva da Rede Tucum que articula as atividades da Rede Tucum, em acordo com a Coordenação Executiva, além de propor ações de fortalecimento para os grupos de Turismo Comunitário. Considerando que a construção da proposta de TC no Ceará, foi iniciada com o processo de movimentação social para a garantia dos direitos da sociedade civil de acessar informações das políticas públicas de Turismo a serem implementadas no Estado, e para a defesa dos Direitos das Populações Tradicionais ameaçadas de expulsão dos seus territórios, com a ocupação do litoral por grupos econômicos, do setor turístico e imobiliário.

Após esta entrevista com questões voltadas para as variáveis, RMMP apresenta de forma livre seu pensamento sobre o Instituto Terramar e sua relação com a Rede Tucum.

História do Terramar e sua relação com a Rede Tucum

RMMP: Em relação à origem do Instituto Terramar suas atividades começaram depois da pressão dos grandes empreendimentos que se instalaram nos territórios tradicionais da Zona Costeira, através de conflitos acirrados por parte dos colonizadores que queriam a todo custo tomar a terra dos nativos. Como mostra a figura quatro (4), os Povos do Mar resistiram e estão com estrutura em fase de proteção ambiental.

Diante do conflito houve a reação dos residentes nativos em não deixar seu território. Vão à luta para garantir sua sobrevivência, através da organização. Para tanto surgem indagações perante esta realidade, e o povo pergunta, o que fazer? Em 1998 o povo da Costa Marítima, Prainha do Canto Verde fica localizada no litoral, Município do Ceará, entra em ação com sua estratégia de luta dando início ao seu destino, com a implantação do TC.

Ao invés do confronto da Rede Tucum com o Turismo capitalista, surge uma nova forma de lutar, agindo ao contrário, organizando e criando alternativa de sobrevivência na venda de seus produtos locais, e a criação de uma rede de apoiadores, como também possibilitando assessoria em seus empreendimentos. Deste modo, o Instituto Terramar consegue abraçar a causa apoiando através do apoio institucional junto às comunidades que estão dispostas a construir um novo jeito de fazer Turismo Sustentável e Solidário.

Após 15 anos em 2008 realizou-se o II Seminário Internacional de Turismo Sustentável - II SITS. Era preciso atuar em rede. Surgem outras organizações como a ONG Tremembé, e os Amigos da Prainha do Canto Verde, que se juntam ao Instituto Terramar. Assim, nasce a ideia de criar uma rede de comunidades que organizam o TC na Zona Costeira do Ceará. Em seguida há distribuição de tarefas entre os primeiros grupos. Em 2007 e 2008 acontece o Seminário da Rede de TC criando a Rede com estruturação, promoção e criação de regras que iriam contribuir no trabalho da organização.

Em 2007, em sua Primeira Assembleia são elaborados os procedimentos internos de monitoramento das atividades. Após três anos de debates nasce uma nova concepção na ótica da diversidade, como o diálogo e exigência, excelência na qualidade dos serviços. Busca-se a cultura da preservação e conservação da natureza do local. São criados princípios importantes

para prosseguir articulando a rede de TC. É desenvolvida a reflexão sobre o modelo de sociedade de consumo e privatização dos bens considerados públicos. Porém, precisa criar a capacidade crítica de pensar o Turismo Comunitário. Buscando compreender que os benefícios e os desafios que o Turismo pode trazer para dentro da comunidade. Como contrapor ao sistema? Quando existe na realidade a crença nos recursos financeiros? Diante destas questões surgem os três itens que irão fazer parte da instituição: 1. Organização; 2. Capacidade crítica e 3. Território Livre.

Estes elementos contribuíram para orientar o fortalecimento do TC e da Rede Tucum. Porém, o mais importante em destaque na realidade é o território livre. Como conquista dos outros direitos, nasce desta etapa militante a luta pela conquista da terra.

Após a conquista do Território, a comunidade elabora sua metodologia de organização. Ponto de partida: elaboração do diagnóstico da comunidade; depois, percebe suas potencialidades e desafios em seguida, formação de grupo de turismo local e através de encontros formativos, realiza o planejamento, por último o treinamento com as entidades parceiras. Após todas estas etapas é feito o diálogo e divisão do saber com o resultado da pesquisa. Para organizar uma estratégia de um modelo de turismo, com critério, no planejamento estratégico. Tudo isto é feito com o monitoramento nas visitas e intercâmbios entre as pessoas da comunidade.

Após este histórico Rosa fala das dificuldades na gestão da Rede Tucum.

Desafios e Dificuldades da Gestão da Rede Tucum

RMMP: Com este trabalho é detectado o desafio: a comunidade tem seus traços na tradição, por isto uma das dificuldades é falta de melhoria na capacidade de comercialização de seus produtos e serviços. A relação com a assessoria administrativa ainda tem suas dificuldades por ingenuidade na relação das vendas dos produtos. Os residentes não sabem cobrar depois da prestação dos seus serviços tais como: hospedagem, trilha, alimentação, passeios de barco e contação de história. Recebem um valor inferior ao que deveria, levando em consideração as despesas, apoio e acolhida pelo residente.

Às vezes não são preenchidas as fichas de acompanhamento dos turistas, prejudicando o trabalho dos assessores que monitoram as atividades, como a criação de planilhas, na contagem da circulação dos turistas, como também saber investir na qualidade de atendimento, entre outras rotinas de gestão.

Talvez a única comunidade que realize esta prática de anotação e controle de entrada e saída dos Turistas, de forma sistemática é a Prainha do Canto Verde. Como exemplo, a comunidade escolheu por votação uma pessoa responsável com o objetivo de tomar notas de tudo que possibilite o controle de entrada e saída dos turistas. Isto colaborou para o Instituto Terramar fazer um levantamento das rotinas administrativas, outro dado importante, a elaboração de cálculos com planilhas de entradas e saídas financeiras.

Em seguida fala do diferencial que ocorre entre as comunidades da Rede Tucum.

Serviços da Rede Tucum

RMMP: O ponto de referência está na gestão participativa, principalmente na prestação de contas, partilha e autonomia, as comunidades são autônomas em suas decisões, em geral tomam atitudes a partir da consulta ao grupo de turismo.

Exemplos de atividades que passam pelo intercâmbio entre as comunidades. A troca de produtos conforme a necessidade, os itens do pacote turístico enviado aos turistas que se deslocam de suas cidades com objetivo de aproveitar o tempo, no período de temporada de férias, ou final de semana. A comunidade oferece os serviços de lazer, como: passeios, alimentação orgânica, guias, trilhas, roda de conversa. Estes são alguns dos meios de arrecadação financeira pela comunidade.

Existe nas comunidades a troca de serviços, por exemplo: quando determinada comunidade não tem o guia, uma outra comunidade se dispõe a prática deste serviço e se coloca a disposição. O mesmo acontece na partilha da alimentação, como a criação de pequenos animais, para o usufruto da pousada, ou até mesmo aproveitar o excedente para partilhar com outra comunidade que não dispõe daquele tipo de produto.

Os pacotes turísticos?

RMMP: No site da Rede, tem um email disponíveis na internet para agilizar os contatos com os turistas: info@tucum.org, depois do contato há disponibilização dos pacotes negociados com o Instituto Terramar, ou com a própria comunidade que tem seus telefones de contatos e emails a disposição dos interessados, para oferta dos pacotes, os mesmos estão disponíveis na internet nos sites e blogs das comunidades. Elas estão sempre fazendo intercâmbio para estreitar os laços comunitários.

Cada vez estas trocas de produtos e serviços tem agregado valor ao serviço de alimentação saudável ao turismo sustentável. Favorecendo ao interesse dos Turistas, a criação dos pequenos animais de forma saudável, agregando valor. Somando isto, faz-se o cálculo do pacote turístico, para o favorecimento ao residente e ao visitante.

Manifestações Culturais

RMMP: De modo geral o turismo favorece a afirmação dos modos de vida tradicional e a **vivência dos turistas na comunidade, acompanhando as atividades cotidianas, como casa de farinha, pesca artesanal, degustação de comidas regionais, com produtos da terra. Através da contação de história nas rodas de conversas nos terreiros**, ou no resgate da manifestação cultural. A comunidade tem como novidade o resgate dos dançantes antigos, através de Tia Teresa. Ela tem incentivado as crianças a dançar a dança do coco. Então, com o seu trabalho foi possível a criação do grupo de dança do coco. Tem sido umas das atrações nas festas tradicionais. Isto contribuiu para a revitalização da memória, em destaque a compreensão e consciência da permanência no território, apesar da tentação do lucro fácil e da pressão para a venda de suas propriedades, isto fortaleceu a população local a venda de suas propriedades, isto fortaleceu a população local. Resgatando sua identidade ao relacionar sua história com a terra de seus ancestrais, que viveram na tranquilidade natural da vida praieira.

Participação das mulheres na Rede Tucum

A participação das mulheres no meio das lideranças tem sido muito importante no resgate da memória e tradição, pois, chega ao número de 60% de mulheres nos serviços da Rede Tucum. Por serem maioria, elas também são em quantidade superior na participação como lideranças das comunidades. Elas dão força viva para a consolidação das lideranças, como o dom de atrair mais pessoas para a militância nos grupos da Rede Tucum. Seja na distribuição de tarefas com papéis definidos, para ir superando a sociedade patriarcal.

Os jovens como lideranças e suas dificuldades diante das ameaças da violência e migração. Neste processo de resgate da memória, os jovens estão sendo protagonistas de sua história, em geral estão engajados nos grupos de trabalho. Contribuem no enfrentamento dos desafios em temas atuais, como: gênero, raça e etnia. **São pioneiros em trazer energia criativa. Mas, há o contexto complexo diante deles, a migração para as cidades e a violência que chega também nas comunidades, motivadas pelas drogas lícitas e ilícitas, isto deve ser encarado pelas**

comunidades, como desafio. Porém, quem está participando nos processos coletivos tem capacidade de superação. Para superar este desafio o Instituto Terramar tem procurado meios que possa valorizar a juventude buscando forma de inserção nos trabalhos coletivos.

A educação pública na comunidade.

RMMP: Sobre a educação formal acontece por meio das Escolas Públicas, mas em geral, não contribui para a formação desligada da comunidade. Os jovens não se sentem atraídos pela Escola Tradicional. Isto também favorece para o distanciamento dos jovens em direção ao pensamento de que na cidade grande está o seu futuro. Muitos vão para a Metrópole Fortaleza. Chegando lá sem um local para morar, sem emprego vão ser escravizados. Com um salário mínimo ou em condições precárias, nem se quer consegue um posto de trabalho.

Seguida ela fala da degradação ambiental das comunidades.

RMP: Em relação à degradação ambiental, cita-se os parques eólicos os quais são os entraves de permanência na comunidade. Como também a chegada dos grandes resorts. Mas apesar de tudo, o povo resiste.

Participação e assessoria do Terramar como modelo de autogestão implantado na Rede Tucum.

RMMP: O Terramar tem sido um parceiro que atua junto às comunidades, não interfere em suas decisões, mas reflete e orienta em suas decisões, dando total apoio ao colegiado que tem na autogestão um meio de chegar a conclusões e decisões administrativas importantes na comunidade.

Seguindo um modelo de autonomia na gestão coletiva dos processos neste sentido, o Terramar possibilita que as comunidades tenham inteira liberdade em suas decisões de gestão, com um colegiado, composto pelos representantes de todas as comunidades, esta organização forma a Rede Tucum.

O Instituto Terramar apóia institucionalmente a Rede Tucum, que por sua vez tem construído a sua instâncias deliberativas.

Sonhos do Terramar em relação a educação da Rede Tucum

Para o futuro da rede há alguns propósitos, como: Escola de TC com objetivo de ser instrumento de formação permanente. Há uma cultura de educação aos grupos, porém, com o passar do tempo não tem continuidade de uma educação firme e contextualizada. Não existe ainda a educação permanente.

A Rede não fez Pacote Turístico na Copa de 2014

Em relação à Copa do Mundo de 2014, não houve pacote especial para o período ofertado pela Rede Tucum. Foram recebidas as pessoas que fugiram deste evento Mundial, não somos a favor do turismo sexual.

Após a entrevista fui apresentado à secretaria e sala de documentação. Depois tiramos uma foto em frente ao troféu Todo! Doado pela entidade da Alemanha, que premia organizações que investem em desenvolvimento sustentável.

Conhecemos os estabelecimentos de gestão do Instituto Terramar. Em seguida fomos ao refeitório, espaço holístico seu formato é circular onde acontecem às reuniões.

3.4 Objeto de Estudo (Análise do Estudo de Caso)



Figura 6 - Logomarca do Instituto Terramar

Fonte: Slide Power Point Rede Tucum

3.4.1 História do Instituto Terramar

Segue a trajetória histórica contada pelo Terramar (2009), com informações sobre a origem desde 1993. Nasceu na busca da cidadania e da superação das regras legais muitas vezes estão acima de tudo, medindo a relação entre as pessoas e o Estado. O fortalecimento dos grupos comunitários é acompanhado pelo Instituto Terramar. Através de suas lutas contra as desigualdades sociais do Brasil. Pelo processo de constituição de sujeitos críticos na

(re)invenção da vida social. A organização ao longo de sua trajetória, permitiu a construção projetos para ser instituição.

No primeiro momento, a afirmação da pesca artesanal (1993 – 1997). Depois, a superação desta modalidade, o tempo dos arrecifes⁴ artificiais, para depois a adaptação tecnológica com base na amarração de pneus, inspirada nas marambais⁵ feitas pela organização dos Povos Nativos.

Em um segundo momento, no campo político, o envolvimento dos movimentos sociais na Zona Costeira (1997-1999). Processo formativo e organizativo. Promoção das atividades econômicas causando impacto nos territórios da Zona Costeira do Ceará. Surge o Movimento Nacional de Pescadores (MONAPE), e o Fórum de Pescadores e Pescadoras do Litoral Cearense (FPPLC), o Fórum do Litoral, hoje Fórum em Defesa da Zona Costeira Cearense (FDZCC); e a crítica ao modelo de desenvolvimento na Zona Costeira cearense, ao Projeto de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR/NE) no Ceará, o Complexo Industrial Portuário do Pecém.

No terceiro momento despertam as lutas pela Terra e da visibilidade das mulheres da Zona Costeira (2000 - 2002). O Terramar desafiou para o fortalecimento de sujeitos coletivos, e da produção de conhecimentos. Acontece I Encontro Cultural dos Povos do Mar proporcionou diálogo entre a Zona Costeira.

No quarto momento nasce o SOS Zona Costeira para o engajamento dos movimentos sociais (2003 - 2005). Multiplicam-se ações organizadas dos homens e mulheres dispostos a intervir nos contextos da Zona Costeira, como parceiro a Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE).

Num quinto momento aprofundam-se as reflexões teórico-metodológicas do trabalho de educação ambiental na perspectiva de formação de sujeitos. Nasce a Rede de Educadores Ambientais do Litoral Cearense (REALCE).

⁴**Arrecife** ou **recife** é uma formação rochosa submersa logo abaixo da superfície de águas oceânicas, normalmente próxima à costa e em áreas de pouca profundidade. Recuperado em 7 janeiro de 2015, de: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Arrecife>.

⁵s.m. Marinha Gír. Marinheiro que prefere ficar a maior parte do tempo em terra a viver a bordo; o oposto de patesca. Recuperado em 7 janeiro de 2015, de: <http://www.dicio.com.br/marambaia/>.

Num sexta etapa há introdução do Direito a Terra, Água e Território na Zona Costeira (2006 – 2008). Com apoio do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), a Frente Cearense por uma Nova Cultura da Água, a Rede Nacional de Advogados Populares (RENAP), os Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), o Fórum Cearense de Mulheres (FCM).

No sétimo momento desenvolve a partilha para o fortalecimento desua história - 2009. Esse breve revisitar de algumas das estratégias e ações causa a intervenção do Instituto Terramar para aprofundar a criação da Rede Tucum.

3.4.2 Diretrizes Metodológicas do Instituto Terramar

Em síntese as linhas gerais de ações do Instituto Terramar realizam as atividades através da leitura crítica da realidade, como: mapeamento das prioridades, busca de definição das ações que vão ser concretizadas. Opta pela autonomia das comunidades, onde deve atuar dentro da coerência com o projeto político da instituição.

Citam-se as diversas estratégias metodológicas do trabalho cotidiano, como: a troca de experiências e saberes, a arte-educação, a construção coletiva de conhecimento, a elaboração de material didático e audiovisual, a sistematização de experiências e o apoio ao desenvolvimento institucional das organizações comunitárias.

3.4.3 Conselho diretivo

Conselho Diretor do Instituto Terramar

- Presidenta: Geórgia Zanzanga
- Tesoureira: Miriam Rocha
- Secretária: Mary Alice McCabe

Conselho de Fiscal

- Soraya Vanini Tupinambá
- Lindomar Fernandes de Lima
- Maria Dolores Mota Farias

Conselho Consultivo

- Ângela Maria Bessa Linhares
- Henrique Cezar Martins Gomes
- Gustavo Bezerril Cavalcante

3.4.4 Estratégias coletivas de gestão

Segundo Pereira e Sousa (2008), estas são os primeiros conhecimentos vividos e servem para guiar o planejamento das estratégias de gestão no TC. A partir de então, as comunidades deram início ao debate do tema da gestão, sendo referência o território, como a pesca artesanal. Necessário para introduzir os procedimentos organizacionais do turismo. A ficha de hospedagem foi elaborada, para ser instrumento de avaliação dos turistas, sendo a fase experimental. Em seguida houve avaliação junto as comunidades e diante das dificuldades e foram feitas as determinadas modificações.

Aprofundamento do tema da gestão de mercados dentro do TC por meio de oficinas. Cenário para o conhecimento de instrumentos de gestão. Através de ações com a finalidade de entendimento sobre projetos, custos, produtos, aquisição de materiais e, táticas de como executar o apontamento de entradas e saídas, bem como, elaboração da prestação de contas e conservação dos documentos fiscais e patrimoniais.

3.5 Coleta de dados

A técnica de coleta de dados se realizou pela pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, portanto, procedeu-se por meio de livros e artigos científicos que abordem o tema estudado, o que permitiu uma cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla, contribuindo para a constituição de um trabalho rico em informações.

A coleta de dados da pesquisa científica foi feita por meio de entrevistas, uma das são fontes de evidências de um Estudo de Caso. Por ser verbal está sujeita a problemas de obliquidade (incorreção), recuperação de informações e/ou imprecisão. Ao usar o gravador de áudio, para utilização dos três tipos: aberta– para extrair fatos; opiniões, “insights”; focada– perguntas formuladas. Confirmação do que a pesquisador pensa sobre o caso; estruturada – questões pré-formuladas. (Yin, 2001).

A entrevista com Rosa Martins Pereira, aconteceu no dia 15 de maio de 2014, na sede do Instituto Terramar em Fortaleza Estado do Ceará com o questionário próprio.

A próxima etapa é apresentar o estudo de caso correlacionamento com as teorias, variáveis e hipóteses.

4. Estudo de Caso

4.1 Historial

Nesta parte é feita a análise das evidências do estudo de caso de forma descritiva. Segue-se o roteiro de Yin, (2001), conforme o relatório abaixo.

Primeiramente escolhe-se o campo de pesquisa, neste caso o Instituto Terramar. Depois adiciona-se as tarefas para os estudos de caso, seguintes: a) orientação e preparação: elaboração do questionário; b) apontamentos de campo e organização de viagens: contato por telefone para marcação da visita por telefone; c) visita ao local: encontro com o entrevistada; d) redação do estudo de caso: anotações da entrevista, e) revisão e aprovação da minuta: rascunho e revisão; e) apontamentos de campo: depois da entrevista aparecem outras entidades dentro do estudo de caso. Não foram feitos treinamentos, mas solicitou-se a diversas pessoas a correção do trabalho, depois de feita a leitura sobre a realização de trabalho de campo, logo em seguida foi feita a visita de observação ao Terramar para fazer o relatório da visita.

Foram feitas as perguntas de forma indireta: questões em cima das variáveis. Foi feita anotação das principais seções do guia de entrevistas: deixar à vontade as questões após responder o questionário.

Leitura do estudo de caso modelo. Manter lista de todos os contatos redigida claramente (e com grafia correta): nome, cargo, organização, número de telefone. Coletar documentos e registros no campo e enviar com o estudo de caso; listar os documentos na forma de uma bibliografia comentada.

A seguir o estudo de caso em que expõe analisando as hipóteses a partir das variáveis independentes: organização, produção e sustentabilidade e a dependente: autogestão.

4.2 A Organização

Nesta parte busca-se o procedimento de acordo com as orientações de Yin (2001) o investigador procure o rigor científico. Como afirma Yin (2001) as suposições teóricas sobre semelhanças causais - respostas a questões: tipo “como” e “por que” – são úteis para direcionar

a análise do estudo de caso de forma específica, além de conduzir a apreciação do estudo de caso.

Seguindo o Protocolo de Yin (2001) e as questões para o estudo de caso, onde foram definidas variáveis em relação ao TC. Seguem-se a descrição desta atividade: foram feitas o resumo das questões para a Seção Questões em relação às variáveis. Depois a elaboração do plano de análise e relatórios do estudo de caso.

Em relação à teoria estudada com base no objetivo da pesquisa. Com a finalidade de contribuir para a implantação do modelo de gestão eficaz e sustentável do TC do Ceará – Rede Tucum. Relacionando com a primeira H1 o nível de organização mostrou-se modelo de gestão eficaz, como meio de chegar à autogestão influenciando positivamente no TC.

Voltando a entrevista com RMMP conforme o subitem 3.3. Trata da questão (1): a organização do Instituto Terramar atua como distribuidor das tarefas entre os membros, de forma democrática diversificando as atividades produtivas. Quem executa as atividades de planejamento é o Conselho da Rede Tucum(Coordenação Colegiada e Executiva Secretaria Executiva).

Ver figura (4) Estrutura organizacional da Rede Tucum. RMMP confirma queo Instituto Terramar tem o papel de secretariar (Secretaria Executiva) e assessorar as comunidades que participam da Rede Tucum. Com apoio dos GTs e entidades filiadas.

Em relação a H1 fala-se do modelo eficaz na organização, comprovado em relação à autogestão. O modo como isto acontece pelos treinamentos de líderes, nos Grupos de Trabalho de Lideranças (GTL), conforme cita o subitem 3.3 com o título do participação e assessoria do Terramar. RMMP fala do modelo de Autogestão da Rede Tucum sem interferência do Instituto, através da ação colegiado que atua com decisões importantes para a comunidade. No subitem 3.4.4 há exposição sobre estratégia coletiva de gestão, mais uma prova desta eficácia, incluindo no tema de gestão a questão do território (na figura 5 mostra detalhe desta validação da hipótese, sobre o tema: territórios dos conflitos: terra, água, energia, biodiversidade. Estes procedimentos incentivam e estimulam a gestão comunitária, ou seja, a prática da autogestão pelo Instituto Terramar está explícito na resposta da questão 3. Como o grupo administra a autogestão nas outras organizações? A resposta está no subitem 3.3., ela responde que a sustentação do Instituto Terramar está inserido na participação através

das parcerias nos projetos, por ser descentralizada com democracia direta e igualdade de gênero, entre outros atributos. Com a estrutura colegiada da coordenação e secretaria executiva. Tudo isto forma a Rede Tucum.

A H1 é validada a partir da organização para autogestão através conquista do território livre. Como conquista dos outros direitos, nasce desta etapa militante. Positivo para criação e sobrevivência do TC, subitem 3.3. Ao narrar a trajetória das comunidades os seus empreendimentos e a luta contra os colonizadores, provocou a criação da Rede Tucum, com apoio do Terramar. A comunidade protagonista desde processo histórico foi a praia do Canto Verde como primeira experiência de organização positiva que influenciou o TC no Ceará.

4.3 A Produção

A teoria sobre a produção trata do conceito sobre organização para obtenção de seus objetivos de curto e médio prazo. Suas atividades estão agregadas na busca de matérias-primas, em produtos e os serviços. Conforme descrição dos vários autores. Dos vários conceitos atribuídos a produção pode-se perceber que ainda é uma atividade que tem em seu contexto a prática capitalista.

Pode-se identificar e validar a Hipótese 2: o TC proporciona aos residentes a produção através do aproveitamento dos recursos naturais. Conforme a resposta da questão 2, do subitem, RMMP responde que os recursos naturais fazem parte de sua produção, no aproveitamento do marisco que faz parte da cadeia alimentar. Com assessoria do SEBRAE fazem nova culinária, além criar outros pratos saudáveis para os turistas, evitando o consumo de material industrializado por meio disto desenvolve autogestão pela própria comunidade, contribuindo com a preservação dos bens alimentares da comunidade como também favorecendo para a sustentabilidade produtiva. Houve validação desta hipótese. Também no subitem 3.3. do tópico da Letra (A), RMMP afirma que as comunidades estão dispostas a implantar um novo jeito de fazer Turismo Sustentável e Solidário. Desde a sua primeira assembleia popular buscaram o território livre. Como conquista dos outros direitos, nasce desta etapa militante a luta pela conquista da terra, as comunidades optaram pela cultura de preservação e conservação da natureza local. Portanto a H1 tem validade nos seus serviços prestados aos turistas como: passeios, alimentação orgânica, trilhas e roda de conversa. Como também o sonho de continuar a produção sustentável subitem 3.3. Tópico letra (M). Na Letra (O)

RMMP fala da culinária que utiliza alimentação saudável, com apoio do SEBRAE, para aproveitamento do marisco para diversos tipos de comidas, com a finalidade de evitar a alimentação dos enlatados.

Uma das dificuldades na produção é a comercialização dos produtos naturais. Porém, ainda há a falta de maior gestão, no sentido de primar pela assessoria em relação à venda dos serviços. Segundo RMMP, os residentes não sabem cobrar pelos seus serviços. Portanto, a Praia do Canto Verde é a única comunidade que tem seus serviços sobre controle, existindo rotina administrativa. Situada no Município de Beberibe, Ceará. Lá o mar recebe coloração verde, por isto esta denominação.

Os principais serviços turísticos oferecidos pelas comunidades são: passeios, alimentação, guias, trilhas, passeio, roda de conversa (as pessoas falam de suas experiências podendo tratar de diversos assuntos para o crescimento da comunidade), e passeio de barco. São serviços em contato com a natureza ofertados pela Rede Tucum, validando a segunda hipótese.

O TC proporcionou aos residentes a produção através do aproveitamento dos recursos naturais, por meio disto desenvolveu a autogestão própria pela comunidade.

Esta hipótese em parte conseguiu ser validada, sendo o componente de validação a relação de produção e o aproveitamento dos recursos naturais, em geral são os produtos e serviços para o sustento, como confirmaram na entrevista. Porém, em relação à autogestão destes produtos ainda há algumas lacunas que devem ser resolvidas, principalmente no aspecto de repartição das tarefas entre os gestores das diversas comunidades.

4.4 Sustentabilidade

Conceitos de renovação e recuperação Os diversos autores em relação à sustentabilidade consideram os outros na garantia de Direitos. Bem como a centralidade nas pessoas com acentuação no modelo participativo. Tudo isto formam os componentes do crescimento, da distribuição e componente ambiental e institucional. Ou seja, a modificação dos modelos tradicionais de desenvolvimento para níveis sustentáveis.

Chega-se a consideração de que o T.C convive na sustentabilidade de seus projetos e programas de convivência com os turistas, pois tudo respira sustentabilidade.

Na reflexão anterior houve validação da hipótese, na relação Teoria e prática. Nesta H3: O TC apresenta modelo de gestão eficaz e sustentável como alternativa para os visitantes aprender com os residentes o seu modo de vida.

É possível perceber nesta hipótese alguns elementos de validação na resposta 3.3 do subitem que trata da sustentabilidade ela é trabalhada, como afirma RMP, a partir do diálogo informal no seu espaço holístico, proporcionando reflexão de qualidade. de um modelo de gestão, que esta seja eficaz recorre-se a teoria, fazendo uma análise de alguns pontos considerados importantes. Frisando que a sustentabilidade em TC apresenta o seu conceito combinando com o que pratica no Instituto Terramar, na qual executa um trabalho voltado para a gestão democrática e circular, com ênfase na produção e distribuição de alimentos saudáveis.

Para fortalecimento do argumento anterior pode-se expor a relação de sustentabilidade e autogestão. Importa saber que a hipótese precisa validar seu objetivo. Isto é, saber se há realmente a gestão eficaz no TC, para tanto, o Ministério do Turismo (2010) fala do crescimento do TC recebendo várias denominações por oferecer várias experiências. Por outro lado, a forma de autogestão favorece a organização das associações comunitárias, em geral há o trabalho em rede, construindo também a defesa do território (Madonato, 2009). Para Fayol a organização é importante pelos elementos de quem dirige, como o espírito de Corpo.

Em relação a H3, O TC apresenta modelo de gestão eficaz e sustentável como alternativa para os visitantes em aprender com os residentes o seu modo de vida.

A validação desta variável sustentabilidade no Estudo de Caso aparece no subitem 3.3, quando Pereira (2014) fala no tópico L, sobre a alimentação saudável, no aproveitamento do marisco evitando o alimento enlatado e industrializado.

A partir do momento, que as comunidades se reuniram para fazer o TC, conseguiram fazer o a sustentabilidade acontecer, proporcionando aos residentes, ou seja, às comunidades organizadas outro jeito de fazer o turismo sustentável. Surge o momento de conservação e preservação. Como também a preservação do território livre. Em destaque a luta pela terra.

Com a integração com os nativos de diversas tribos, entre os mais significativos, os Tremembés, pode validar a hipótese em análise. Em relação a distribuição de tarefas entre as comunidades, há incentivo para a autogestão.

Em relação ao visitante aprender o modo de vida dos residentes, isto acontece através do período de temporadas de férias, nos passeios, alimentação, guias, trilhas, passeio de barco e roda de conversa. Partilha da alimentação e a criação de pequenos animais. Os residentes ensinam aos visitantes através da contação de história nas rodadas de conversas nos terreiros. No resgate das manifestações culturais, nas danças antigas, como dança do coco. E a mostra aos visitantes de sua identidade a conquista do território e a identidade dos ancestrais. Além da participação das mulheres, como ensinamento em prol da superação do patriarcalismo. Ensina também que os jovens são protagonistas de sua história, no engajamento nos grupos de trabalho, superação do racismo, superação da violência, no combate as drogas, com apoio do Instituto Terramar.

Outra validação da H3 em relação ao modelo de gestão eficaz seria a troca de atividades entre as comunidades que não oferece o serviço aos residentes.

4.5 Autogestão

No conceito de Autogestão recorre aos vários autores, segundo eles foram feitos vários conceitos, desde sua a origem do termo veio do Rio Grande do Sul, através da prática social, por meio da economia solidária. Sua ação tem o objetivo de superação do capitalismo com os setores fragilizados. Como também ser capaz de fazer a autogestão as pessoa assumindo o pela organização. Em diferentes esferas da vida econômica e social. Seria uma revolução inacabada. Tornando-se uma transformação e não somente participação. Seria a gestão exercida pelos trabalhadores, ou moradores associados em organizações de classe.

Combinado com a teoria o ponto de vista da entrevistada RMP, na resposta 4, do subitem 3.3. Rede Tucum, a autogestão está explícita na forma de organização coletiva, na qual o poder é feito de forma circular, onde todos decidem sobre seu jeito de governar. As Associações e Conselhos da comunidade são decisivos nos momentos de tomada de decisão.

Todas as variáveis foram encontradas na organização, o Instituto Terramar e a Rede Tucum apresentam neste item 4, as variáveis e as respectivas H1, H2 e H3. Em relação aos objetivos o modelo implantado do TC está em sua organização, por democrática e sustentável.

Nos objetivos específicos foram vistos nas variáveis independentes nos itens 4.1, 4.2, 4.3, 4.4. Porém a variável sustentabilidade é a que mais trata destes itens. Em relação ao segundo objetivo específico, que trata da análise de assessoria do Instituto Terramar, tem em RMMP a figura central, sendo elo entre o Instituto Terramar e a Rede Tucum. No terceiro objetivo específico realmente apresenta o modelo de gestão eficaz pelo trabalho desenvolvido, mas falta maior interesse em demonstrar concretamente para as comunidades como melhorar seu trabalho junto aos turistas, principalmente pela cobrança com base nos custos corretos de seu trabalho.

5. Considerações Finais

5.1 Discussão e implicações para a Teoria

A ferramenta utilizada por nesta pesquisa consta-se de diversas teorias com aproveitamento de conceitos das variáveis, relacionando-as entre si, bem como análise da entrevista e do estudo de caso, especificamente o Instituto Terramar. Observando a sua relação com a Rede Tucum. Vamos também observar o processo de análise do TC um modelo de gestão eficaz e sustentável

O estudo detecta no estudo que o Instituto Terramar busca o aperfeiçoamento da formação de sua mão de obra. Nas suas ações busca aperfeiçoar os custos das vendas dos serviços da Rede Tucum. Diante disto sugere-se como prioridade estratégica, a utilização dos equipamentos tecnológicos para otimizar os serviços e desenvolver novos produtos. Como também buscar sempre o conforto adequado ao espaço físico oferecido aos clientes. Além de dentro das possibilidades continuarem apoiando a criação de vantagem estratégica sustentável para o empreendimento. Outro aspecto que merece apreço com apoio da teoria é a capacidade de desenvolvimento de novos produtos e serviços. Como a atuação no mercado em termos de preço praticado, qualidade e variedade de produtos oferecidos e a satisfação do cliente. São elementos importantes para a tomada de decisões estratégicas das organizações que fazem o TC pela Rede Tucum. Enfim, os resultados do Estudo de caso apontam que as comunidades que devem enfrentar desafios que virá, um deles é direcionar seus recursos e suas competências para elaborar estratégias competitivas que a diferenciem da concorrência com sua marca de produtos variados e de qualidade.

Quanto ao TC em relação a variável independente organização. A teoria mostrou a necessidade de superação do modelo de Resort. Por ser degradador da natureza. Em oposição, o TC é organizado em rede, capaz de ser instrumento de luta e conquista de seu território.

Seguindo a teoria sobre a variável produção. A comunidade de forma integrada em rede comercializa os seus produtos de formato global. O território tem a capacidade de produzir, ao ser inserido no aspecto da conquista da terra. Por isto surge a partir do estudo teórico o desafio a partir da variável produção para os serviços na Rede Tucum:

A formação permanente dos envolvidos nas atividades e serviços doTC;

Lutar pelas políticas públicas de infra-estrutura de educação, saúde, transportes, saneamento básico e, meios de comunicação, participando dos Conselhos Municipais;

Criar relação com agências pela comercialização dos serviços organizados no TC;

Nos processos de comercialização incentivo aos preços justos;

Construir materiais de divulgação numa linguagem que traduza a riqueza das comunidades, sem reduzi-las a um produto comercial.

No aspecto de sustentabilidade, variável independente segundo Max-Nief (1994), sugere que o TC deve integrar sua atividade com a natureza para o bem coletivo, com tecnologia integradora de vida. Para Neuhaus e Silva (2006) alternativas solidárias integradas numa cosmovisão capaz de criar atividade do turismo, para construção de outro Turismo criativo justo e solidário. Fortalecido como afirmou Carneiro (2008), na luta dos nativos.

Em relação a variável independente autogestão segundo Singer (2013), ela é vista como superação da exclusão social e fator determinante para administrar de forma colegiada e participativa com base na economia solidária. Segundo Cornelian (2006), a rede de TC seria uma espécie de economia alternativa. Exemplos desta experiência de autogestão seria a prática do Povo Jenipapo-Kanindé, na luta dos seus direitos de Aldeados. (Lustosa, 2011). Para Pereira e Ferreira (2008) esta Comunidade Jenipapo-Kanindé realiza Encontros místico se tradições indígenas. Sendo uma das nove etnias indígenas do Ceará, localizada às margens da Lagoa da Encantada, no grande campo de dunas no belo verde da mata e o azul do mar.

Após conhecer estas diversas experiências de ofertas turísticas da Rede Tucum oportunamente trouxe enriquecimento prático na pesquisa científica para compreensão sobre os diversos tipos de TC, como o TBC, o Turismo Solidário. Todas apresentam em sua essência a teoria e a prática da variável sustentabilidade.

A Teoria contribuiu com o conceito das variáveis: organização, produção, sustentabilidade e autogestão. Oferecendo a fundamentação e criação das hipóteses como base para o Estudo de caso, seja no contato com o Instituto Terramar, seja na busca de análise das hipóteses, os objetivos e por último a montagem do estudo, para construção da análise dos resultados.

Através da análise dos resultados obtidos no estudo, pode-se concluir que de modo geral, o TC com gerenciamento do Instituto Terramar é capaz de gerir de forma eficaz por pertencer ao grupo de apoiadores as comunidades da Rede Tucum que decidem em conjunto, causando impacto significativo e eficaz no mercado Turístico do Ceará, validando as hipóteses.

5.2 Implicações para a gestão

No presente estudo pode ser notada a imensa missão dos Assessores do Instituto Terramar em contribuir para que a Rede Tucum realize suas atividades de organização, produção, sustentabilidade e autogestão. Além do Empenho de RMMP em trabalhar diariamente recolhendo e trabalhando dos GT, na cobrança da prestação de contas das comunidades pelos seus responsáveis.

O Instituto Terramar tem a emitente tarefa de realização de suas atividades para que a Rede Tucum possa levar o lazer aos Turistas. Além de favorecimento de uma gestão eficaz. Com isto tem como tarefa principal exercer a cobrança na qualidade nos serviços prestados para quem precisa. Portanto, suas atividades estão voltadas para o bem dos turistas e residentes, através de apoio a diversidades de meios da prática do lazer, como: a trilha, ação de contar histórias, pesca artesanal, comidas típicas e passeios de barco.

Outra tarefa que o Instituto Terramar desenvolve que serve de apoio aos gestores é a permanente assessoria a Rede Tucum como gestão eficaz nas comunidades, além das diversas redes espalhadas pelo Estado do Ceará e no Brasil. As redes de Turismo Comunitário do Ceará: são: Ecohospedagem, Fundação Casa Grande no Município de Nova Olinda e Assentamento Boa Vista em Quixadá. Sendo assim, apesar das dificuldades enfrentadas por esses assessores, em diversos pontos, falta de estrutura, falta de tecnologias e pessoal suficiente para cumprir os serviços de assessoria. Há de contar ainda, com a forçada influencia política na fase mais importante do trabalho que é o parecer do próprio colegiado do Instituto Terramar, que precisa de apoio de órgãos públicos, muitas vezes pessoas distantes da política pública. Em geral nas Secretarias de Turismo dos Municípios e do Estado, ainda vigora os vício dos cargos vitalícios, de políticos eleitos com compra de votos e sem compromisso com as organizações dos movimentos sociais que atuam no TC.

O presente estudo tem a função profícua de ressaltar a importância da Rede Tucum, e o Instituto Terramar em ser organização de base comunitária para servir a sociedade, assim

como indicar as falhas das atividades sob o ponto de vista ajudar a melhorar as formas de condução do TC, principalmente em questões de qualidade nos serviços prestados.

Fica também a proposta de adaptar os conhecimentos aprendidos para que possa construir outros como afirma Yin (2001), que estudos de caso são validados para a criação de teorias e exemplos, ressaltando a rigorosidade das fórmulas metodológicas aconselhada, por ele.

5.3 Limitações e futuras investigações

O estudo de caso do presente trabalho é delimitado por estar voltado apenas à pesquisa realizada sobre o TC um modelo de gestão eficaz e sustentável, na instituição Terramar em Fortaleza Ceará.

Não consegui como evidenciado na pesquisa encontrar possíveis lacunas em outros trabalhos desenvolvidos em âmbito genérico. Como fazer comparações com outros trabalhos realizados pela Rede Tucum, em comunidades específicas, as quais realizam suas atividades práticas e teóricas. Limita-se a pesquisar apenas o Instituto Terramar de forma simples com apenas uma entrevista e visão geral, organizacional e histórica da instituição.

O limite explícito da verificação está na pouca abrangência da localidade, pois estudou-se apenas uma organização, num Município do Estado de Ceará, que é um Estado considerado pequeno ante a abrangência continental de um país como o Brasil.

A limitação implícita no trabalho encontra-se no fato de não poder julgar ou analisar o trabalho do TC brasileiro, nem mesmo cearense de uma forma geral, mas diante dos eventos, experiências apresentados falta-nos uma nova pesquisa na forma e na amplitude do trabalho desenvolvido no Instituto Terramar em Fortaleza Ceará.

Para futuras investigações fica a herança deixada pelo objetivo primordial de estudo atual nessa dissertação. Trouxe a experiência marcante de análise e evidências da necessidade de atualização, abrangência e melhorias no desenvolvimento do processo do TC um modelo de gestão eficaz e sustentável desenvolvido no Ceará, no caso específico o estudo do Instituto Terramar.

A proposta futura seria a investigação mais ampla, compondo mais comunidades, com a finalidade de contemplar algumas regiões do Estado do Ceará, com o objetivo de diagnosticar

de maneira mais exata e consistente a constatação das variáveis melhorando os métodos e a falta de metodologia que tenha na análise dos serviços suscitados pela Rede Tucum.

Referências

Revista Abril. (2010). *Meio ambiente: sustentabilidade*. São Paulo: Autor.

Alvarenga Neto, R., C. D. de., Barbosa, R. R. e Cendón, B. V. A, (2006,julho/dezembro) construção de metodologia de pesquisa qualitativa com vistas à apreensão da realidade organizacional brasileira: estudos de casos múltiplos para proposição de modelagem conceitual integrativa. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa:UFPB (V.16, nº 2, p.63-78).

Associação Nacional de Trabalhadores e Empresas de Autogestão– [ANTEAG]. (2014). *Faces do Brasil; Por um comércio justo e sustentável*. Recuperado em 12dezembro 2014, de:<http://www.facesdobrasil.org.br/membrosfaces/32-acs-associacao-de-certificacao-socioparticipativa-da-amazonia.html>.

Barbosa e Coriolano (2012).Turismo e Economia Solidária: experiências comunitárias para o desenvolvimento na escala humana no Estado do Ceará, Brasil. *Encontro de Geógrafos da América Latina. Encontro de saberes territoriais da América Latina*.Peru. Recuperado em 19abril, 2014, de:<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:IsO5sb7NZ8kJ:observatoriogeografi.coamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiaeconomica/06.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>.

Barbosa, L. M. (2011). *Redes de territórios solidários do turismo comunitário: políticas para o desenvolvimento local no Ceará*. Dissertação de Mestrado Acadêmico em Geografia, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza. Ceará, Brasil. Recuperado em 19abril 2014, de:http://www.uece.br/mag/dmdocuments/luciana_maciel_dissertacao.pdf.

Bartholo, R., Sansolo, D. G., Bursztyn, I. (2008). *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Letra e Imagem: Brasília.Recuperado em 15 março, 2014, de:http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/downloads_regionalizacao/TURISMO_DE_BASE_COMUNITARIA.pdf.

Bonduki, N. (1992). *Reconstruindo Utopias Perdidas: os Mutirões Autogeridos em São Paulo*. In: 5 Encontro Nacional ANPUR. Recuperado em 21 maio, 2014, de:<http://www.arq.ufmg.br/mutirao/pdfs/artigo.pdf>.

Caritas Brasileira-RS. (1995). *Metodologia de trabalho com os excluídos*.Vozes: Petrópolis. RJ, Brasil.

Carneiro, M. A. B. . (2008). *Revalorização do Local: estratégia de globalização. Relações Internacionais no Mundo Atual*. Curitiba, (nº 8, pp. 9-20). Recuperado em 8maio 2014, de:[file:///C:/Users/Especial/Downloads/238-868-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Especial/Downloads/238-868-1-PB%20(1).pdf).

Chaves, D. F. P. & Iléia, M. de J. (2007, fevereiro 15). Economia Solidária como alternativa de desenvolvimento regional. *T&C Amazônia*, (ano 5, número 10). Recuperado em 15 fevereiro, 2014, de: <http://www.unisul.br/wps/wcm/connect/05ce92d5-1574-47bb-a15e->

ed0cfc3094fb/economia-solidaria_mulheres-empendedoras_projetos-extensao-tb.pdf?MOD=AJPERES.

Coelho, F. U.(2004). *Organização e métodos: uma visão holística*. Manual de direito comercial. Saraiva: São Paulo.

Coelho, K. da S. e Dellagnelo, E. H. L. (2012). *O olhar da revista brasileira de ciências sociais à dimensão organizacional dos movimentos sociais*. *Cadernos Gestão Social*, V.3, n.1, p.69-84, jan/jun 2012. www.cgs.ufba.br. Recuperado em 15 março, 2014, de: http://link.periodicos.capes.gov.br/sfx/c141?url_ver=Z39.88-2004&url_ctx_fmt=infofi/fmt:kev:mtx:ctx&ctx_enc=info:ofi/enc:UTF-8&ctx_ver=Z39.88-2004&rft_id=info:sid/sfxit.com:azlist&sfx.ignore_date_threshold=1&rft.object_id=255000000055189.

Cornelian, A. R. (2006). *A concepção de “Economia Solidária” em Paul Singer: descompassos, contradições e perspectivas*. Dissertação do Mestrado em Sociologia. Araraquara, USP: São Paulo, Brasil. Recuperado em 15 março, 2014, de: http://portal.fclar.unesp.br/possoc/teses/anderson_ricardo_cornelian.pdf.

Costa Junior, E. L.(2008).*Gestão em processos produtivos*. Ibplex:Curitiba.

Crisóstomo, F. R. (2009). *Turismo e hotelaria*. São Paulo: Difusão Cultural do livro.

Cruz, G. da, Camargo, P. de, & Guzela, M. (2007). *Fotografia e suas interfaces para o desenvolvimento da imagem de um destino turístico*. *Artigo publicado nos anais do IX SIT – Seminário Internacional de Turismo*. “ecoturismo e turismo de aventura”, UNICENP, Curitiba, PR, Brasil. Recuperado em 10fevereiro 2015, de: http://www.uesc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/turismo/artigos/fotografia_imagem.pdf.

Daniel Grassi. 3a ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p.

Degani, C. (2003). *Sistemas de gestão ambiental em empresas construtoras de edifícios*. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil, FEC, Escola Politécnica da Universidade de São Paulo: São Paulo. (224 f.) Recuperado em 27 outubro 2013, de: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3146/tde-28082003.../dissertacao.pdf.

Dorion, E. C. H., D’Arisbo, A., Severo, E. A. & Cislighi, T. P. (2013). *Criação de Conhecimento: Economia Criativa Versus Gestão Tradicional*. *ReFAE – Revista da Faculdade de Administração e Economia*, 5(1), 2-27. Recuperado em 12 fevereiro, de 2015, de: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ReFAE/article/view/3715/3729>.

Fabrino, N. H., Costa, H. A., & Nascimento, E.P. (2012,setembro/dezembro). *Turismo de Base Comunitária (TBC): elementos chaves para aferir seu desempenho na perspectiva da sustentabilidade*. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo5(3) 546-559. Recuperado em 27outubro2013, de: <http://www.sbecotur.org.br/rbecotur/seer/index.php/ecoturismo/article/view/603/332>.

- Fayol, H. (1958). *Administração industrial e geral*. 3a ed. São Paulo: Atlas.
- Ferreira, B. de H. (2010). *Mini Aurélio: o dicionário da língua Portuguesa*. Coordenação de edição: Ferreira, M. B., 8a ed. Curitiba: Positivo.
- França Filho, G. (2012). A política pública da e economia Solidária no Brasil, in: Gadotti, M. (1979). *Ação pedagógica e prática social transformadora*. Educação e Sociedade, (V.1, nº 4, pp. 5-14, set. 1979).
- Gadotti, M. (1992). *Escola cidadã: uma aula sobre a autonomia da escola*. São Paulo: Cortez. Recuperado em 21 maio 2014, de: <http://acervo.paulofreire.org/xmlui/handle/7891/2785#page/19/mode/1up>.
- Gomes, A. A.. (2008). Estudo de Caso - Planejamento e Métodos, in: *Nuances: estudos sobre Educação*. Presidente Prudente, SP, ano 14, 15, (16), 215-221, jan./dez de 2008.. Recuperado em 05 julho 2014, de: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/187/257>.
- Grzybowski, C.. (1998). *Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo*. Vozes, Fase, Petrópolis.
- Guedes, R. (2008). *Organizações: Conceito e classificação*. Recuperado em 3 janeiro 2015, de: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:sh3K4Ancg08J:www.administradores.com.br/artigos/tecnologia/organizacoes-conceito-e-classificacao/25629/+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>.
- Instituto Terramar. Recuperado em 20 maio 2014, de: <http://www.terramar.org.br/>.
- Jouvenet, L. P O. (1985 janeiro/dezembro). Horizonte político das pedagogias não diretivas. *Revista da Faculdade de Educação da USP*. (V. 11, nº 1/2, p. 277-310). Recuperado em 21 maio 2014, de: <http://www.revistas.usp.br/rfe/article/viewFile/33350/36088>.
- Lazzarato, M. & Negrij, A. (2001). *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. (M. Jesus Trad.). DP&A: Rio de Janeiro.
- Leite, M. de P. (2009). A economia solidária e o trabalho associativo: teorias e realidades. *Revista brasileira Ciência Sociedade*. [online]. (vol., 24, nº 69, pp. 31-51). Recuperado em 2 janeiro 2014, de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092009000100003.
- Lianza, S. & Henriques, F. C.. (Org). (2012). *A economia solidária na América Latina: realidades nacionais e políticas públicas*. Rio de Janeiro: UFRJ. Recuperado em 8 março 2014, de: <http://base.socioeco.org/docs/livroversodigital.pdf>.
- Lima, A. C. R., Mendes, H. C. & Hora, L. F. da (2011). Turismo solidário: desenvolvimento local sustentável na Prainha do canto verde. *III Seminário Internacional Violência e Conflitos Sociais: Ilegalismos e lugares morais*, Fortaleza: UFC.

Lima, F. A. de S. (2010). Turismo Comunitário: uma história para contar. In: Ministério do Turismo. *Dinâmica e diversidade do turismo de base comunitária: desafio para a formulação de política pública*. Brasília: Ministério do Turismo.

Lima, L. N. M. de. (2013). A constituição de um território identitário pela garantia dos direitos fundiários: o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, 25 (3), p. 503-512, set/dez/2013. Recuperado em 20abril2014, de: http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/viewFile/21641/pdf_6.

Lima, R. T. (2013). *Auditoria pública municipal: Uma Perspectiva Holística sobre as Atuações das Auditorias Municipais Brasileira, com foco no Estado de Alagoas/Brasil*. Dissertação de Mestrado apresentada no ISG. Instituto Superior de Gestão: Lisboa.

Luz, L. da. (2010). *Desenvolvimento Regional, economia Solidária e Política Pública: um estudo do Associativismo em Lontras*. Blumenau. Recuperado em 8março2014, de: http://proxy.furb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=748.

Maldonato, C. (2009). O Turismo rural comunitário na América Latina. in: Bartholo, S. B. *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e imagem. Recuperado em 15maio2014, de: <http://www.ivt-rj.net/ivt/bibli/Livro%20TBC.pdf>.

Marcelo, H. H., et al. (2012) *Sistemas de produção: conceitos e definições no contexto agrícola*. Londrina: Embrapa Soja.

Martins, P. G. & Laugeni, (2002), F. P. *Administração da Produção*. São Paulo: Saraiva.

Matos, C. de Fátima Almeida, Araújo, Maria Lianeide Souto Teixeira & Gondim, Maria do Socorro. (2013set-dez). Interesses, políticas públicas edesenvolvimento do turismo de base comunitária no Ceará. *Revista Turismo Visão e Ação– Eletrônica*, Vol. 15, nº 3, p. 419–433.

Maximiano, A. C. A. (1992). *Introdução a administração*. 3ª ed., São Paulo, Editora Atlas.

Meireles, M. (2003). *Teorias da administração: clássicas e modernas*. São Paulo: Futura.

Minc, C. (1997). *Ecologia e cidadania*. São Paulo: Moderna. (Coleção Polêmica).

Ministério do Turismo -. (2010). *Dinâmica e diversidade do turismo de base comunitária: desafio para a formulação ministério do Turismo de política pública*. Brasília: Ministério do Turismo. Recuperado em 21maio2014, de: http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/download_s_publicacoes/Caderno_MTur_alta_res.pdf.

Moreira, D. (2002). *Administração da Produção e Operações*. São Paulo: Pioneira Thonson Learning.

Morgan, G. (1996). *Imagens da organização*. São Paulo: Recuperado em 13 maio 2013, de: <http://www.gbic.com.br/ibes2k9si/1%BA%20Semestre/livros/Projeto%20Livro%20Adm%20Imagens%20da%20Organizao.pdf>. Acesso em 13 de maio de 2013.

Morigi, V. J. & Krebs, L. M. (2012, setembro/dezembro). Redes de mobilização social: as práticas informacionais do Greenpeace. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa: UFPB:, (V.22, n° 3, p. 133-142).

Nascimento, C. A. (2004). Autogestão. e o “Novo Cooperativismo. Secretaria Nacional de Economia Solidária. *Seminário Nacional de Autogestão*. Santa Catarina: Joinville,. Disponível em: Recuperado em 20 abril 2014, de: http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812BCB2790012BCF8F95EF1C50/prog_autogestao_cooperativismo.pdf.

Neuhaus, E. & Silva, J. Souza da (org), (2006, Janeiro). Um outro Turismo é possível! Reflexões sobre desigualdades, resistências e alternativas no desenvolvimento turístico. *Fórum Social Mundial Porto, Alegre*.

Oliveira, P. S. de. (2012). *Introdução a sociologia*. São Paulo: Ática.

Patuleia, M., Ferreira, A. M. & Almeida, C. R. (2011) Dos Resorts integrados às questões da sustentabilidade: uma abordagem conceptual. *Journal of Tourism and Sustainability*. J. Tour. Sustain, 1 (2), 49-59. Recuperado em 14 julho 2014, de: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/9804/1/06%20-%20Patuleia%20et%20al%202011%20-%20J%20Tour%20Sust%201%282%29.pdf>.

Pereira, R. M. (2013). *Cadernos de Normas da Rede Tucum – Rede Cearense de Turismo Comunitário*. Fortaleza: Instituto Terramar.

Pereira, R. M. M. (2014). *Entrevista realizada em Fortaleza, 2014*.

Pereira, R. M. M. & Sousa, V. F. de. (2008). Tucum – Rede Cearense de Turismo Comunitário: Turismo e Resistência na Zona Costeira Cearense. *Série Turisol de Metodologias: Turismo Comunitário*, São Paulo: Projeto Bagagem e Museu da Pessoa,.

Peruzzo, C. M. K. & Volpato, Marcelo de Oliveira. (2009). Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferenças. *I Colóquio Binacional Brasil-México de Ciências da Comunicação*. 01 a 03 de abril de 2009, São Paulo – Brasil. Recuperado em 12 abril 2014, de: <http://www.espm.br/ConhecaAESPM/Mestrado/Documents/COLOQUIO%20BXM/S1/cecilia%20krohling%20e%20marcelo%20volpato.pdf>.

Portelli, H.. 1990. *Os socialismos no discurso social católico*. São Paulo: Paulinas, 1990. (Sociologia e religião).

Ramalho, J. E, P. (2013). *Implementação de um programa de responsabilidade social na junta de freguesia de bobadela (2009 - 2013)*. Dissertação apresentada no Instituto Superior de Gestão com vista à obtenção do Grau de Mestre em Gestão. ISG: Lisboa.

Rattner, H. (1999, fevereiro). Sustentabilidade: uma visão humanista. *Pontos de vista Ambiente & Sociedade* [on line], ano 2., nº 5., 2º semestre. pp. 233-240. Recuperado em 20 de fevereiro de 2015.

Rattner, H. (2009). Meio ambiente, saúde e desenvolvimento sustentável. *Ciência saúde coletiva [online]*., vol.14, n.6, pp. 1965-1971. Recuperado em 2 fevereiro 2015, de: <http://www.scielo.org/pdf/csc/v14n6/02.pdf>.

Ribeiro, M.T.F., & Milani, C.R.S., (orgs.) (2009). *Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar*[online]. Salvador: EDUFBA. p. 312. Recuperado em 11 abril 2014, de: <http://static.scielo.org/scielobooks/37t/pdf/ribeiro-9788523209322.pdf>.

Satolo, E. G.; Silva, I. B. & Simon, A. T. (2012). Proposta de um método para geração de modelo de medição da sustentabilidade organizacional. *GEPROS. Gestão da Produção, Operações e Sistemas*, Ano 7, nº 3, jul-set/2012, p. 127-143.

Silva, F. A. S. (2013). *Turismo na natureza como base do desenvolvimento turístico responsável nos Açores*. Doutorado em Geografia. Universidade de Lisboa: Lisboa.

Silva, L. S. A. da & Quelhas, O. L. G. (2006). *Sustentabilidade Empresarial e O Impacto no Custo de Capital Próprio das Empresas de Capital Aberto*. Universidade Federal Fluminense: Niterói.

Silva, R. E. da, & Midlej, M. M. B. (2012). Tierras de Preto de Felipa (MA) – Brasil: identidade, territorialidad y turismo comunitário em lucha por el reconocimiento. *Estudios y Perspectivas em Turismo*, (Vol. 21(1), p. 180). Recuperado em 07 fevereiro 2007, de: http://periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_pmetabusca&mn=88&smn=88&typ e=m&metalib=aHR0cDovL21scGx1cy5ob3N0ZWQuZXhsaWJyaXNncm91cC5jb20vcHJpb W9fbGliemFyeS9saWJ3ZWlvYWNoaW9uL3NIYXJjaC5kbz92aWQ9Q0FQRVM=&Itemid =119.

Simonetti, M. C. L.. (2007). A Geografia dos Movimentos Sociais em tempos de globalização: o MST e o Zapatismo. *Revista Nera*. Presidente Prudente, Ano 10, nº. 11 p. 125, Jul.-dez./2007 . Recuperado em 07 fevereiro 2007, de: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/1412-4081-1-PB.pdf>.

Singer, P. (2002). *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Singer, Paul. (2008). Entrevista com Paul Singer. *Estudos Avançados*. São Paulo: USP, 22 (62). Recuperado em 25 fevereiro 2008, de: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v22n62/a20v2262.pdf>.

Slack, N., Chambers, S., & Johnston, R. (2002). *Administração da Produção*. 2a ed. São Paulo: Atlas.

Sousa, A. C. de. (2007). *Fundamentos da ética marxista: a crítica radical da Sociedade capitalista e as mediações políticas para a Construção da emancipação humana*. Tese de Doutorado Universidade Estadual de Campinas. Campinas. Recuperado em 02 fevereiro 2014, de: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3136/tde-15092006-110436/pt-br.php>.

Tauile, J. R. (2001). Do socialismo de mercado à economia solidária. Trabalho submetido ao *Seminário Internacional: Teorias de Desenvolvimento no Novo Século em Junho de 2001* Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro:UFRJ. Recuperado em 21 maio 2014, de: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/33075-41632-1-PB.pdf>.

Terramar. (2009). *Histórico*. Recuperado em 07 fevereiro 2007, de: <http://www.terramar.org.br/estrutura-organizacional/historico>.

UNESCO – A Educación, La Ciencia y la Cultura. (1981). *La Autogestión en los sistemas educativos*. Paris: Unesco. Recuperado em 22 maio 2014, de: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001340/134075so.pdf>.

Veenan, T. S. & Polytilo, J. (2003, september). The role of institutions in policy in enhancing sustainable development and conserving natural capital. *Environment Development and Sustainability, Netherlands*, V. 5, nº 3-4, pp. 317-332. Recuperado em 21 maio 2014, de:

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento de métodos*; (2a ed., D. Grassi, Trad.) Porto Alegre: Bookman. (Obra original publicada em 1984). Recuperado em 22 maio 2014, de: http://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia_da_pesquisa_estudo_de_caso_yin.pdf.

Sites de Referência

<http://turisol.wordpress.com/>;

<http://www.acolhida.com.br/>

<http://www.artesol.org.br/site/santarem-pa/>

<http://www.arvoredobrasil.com.br/>

<http://www.caminhosrurais.tur.br/index.asp>

<http://www.destinosreferencia.com.br/>

<http://www.ecocentro.org/inicio.do>

<http://www.graosdeluzegrio.org.br>

<http://www.inhotim.org.br/>

<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/>

<http://www.ivt-rj.net>

<http://www.mamiraua.org.br/>

<http://www.movive.org.br/>

<http://www.projeto bagagem.org/>

<http://www.saudeealegria.org.br/turismo/>

<http://www.tucum.org/>

<http://www.turismo.gov.br>

<http://www.turismoconsciente.com.br/>

<http://www.uakarilodge.com.br/>

<http://www.vem.org.br/http:/>

www.visiteguaraquecaba.com.br/

<http://www.accueil-paysan.com/>

Anexo

Anexo A

Projetos de TBC apoiados pelo Ministério do Turismo a partir do Edital de Chamada Pública de Projetos

| Nome do projeto | Proponente | Destino | UF |
|---|---|--|-------|
| Projeto Vila Solidária | Ação Comunitária do Brasil | Rio de Janeiro | RJ |
| Turismo e artesanato para o desenvolvimento local) PA | Artesanato Solidário (ArteSol) | Santarém Turismo e artesanato para o desenvolvimento local Artesanato Solidário (ArteSol) Santarém | PA |
| Turismo Rural - Acolhida na Colônia | Associação Acolhida na Colônia | Região das Encostas da Serra Gera | SC |
| Turismo sustentável de base comunitária na RDS da Barra do Una | Associação Amigos de Bairro da Vila Barra do Una | Peruíbe | SP |
| Projeto VEM: Viagem Encontrando Marajó | Associação das Mulheres do Pesqueiro | Ilha de Marajó | PA |
| Turismo e biodiversidade no Complexo Estuarino do Cassurubá | Associação de Estudos Costeiros e Marinhos (Ecomar) | Caravelas | BA |
| TBC na área de influencia dos Parques Nacionais Aparados da Serra e Serra Geral | Associação dos Colonos Ecologistas do Vale Mampituba (Acevam) | Praia Grande e Jacinto Machado | SC |
| Turismo de Vilarejo | Associação dos Moradores da Comunidade de Cuiabá | Gouveia | MG |
| Caiçaras, indígenas e quilombolas | Associação dos Moradores do Campinho | Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba | RJ/SP |
| Projeto Trilhas Griôs de Lençóis | Associação Grãos de Luz | Lençóis | BA |
| Continua pag.Seguinte | | | |

| Nome do projeto | Proponente | Destino | UF |
|---|--|--|----|
| Ayty – Turismo de base comunitária do povo Tapeba | Associação para o Desenvolvimento Local Co-produtivo (Adelco) | Caucaia | CE |
| Fortalecimento da RedeTurisol | Associação Projeto Bagagem Nacional – Rede Turisol Nacional Turismo solidário e cultura popular nordestina Associação Zuzu | Maxaranguape | RN |
| Angel Reviver Paquetá | Casa de Artes Paquetá | Ilha de Paquetá | RJ |
| Ori Mole: Casa do Boneco de Itacaré | Casa do Boneco de Itacaré | Itacaré | BA |
| Boas práticas para o turismo comunitário | Centro de Pesquisas e Promoção Cultural (Cepec) | Araponga, Divino, Evália, Fervedouro, Miradouro, Muriaé, Pedra Bonita, Rosário de Limeira e Sericita | MG |
| Turismo rural comunitário do assentamento rural | Tijuca Boa Vista Centro Ecológico Aroeira | Quixadá | CE |
| Roteiro Caminhos Rurais | Cooperativa de Formação e Desenvolvimento do Produto Turístico Ltda. (Coodestur) | Porto Alegre | RS |
| A arte em labirinto e a beleza das águas e dunas | Cooperativa de Produção Artesanal do Crutac | Galinhas | RN |
| Turismo de conhecimento – Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri | Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri | Nova Olinda | CE |
| Continua pag. Seguinte | | | |

| Nome do projeto | Proponente | Destino | UF |
|---|--|---------------------------|----|
| O povo do aventureiro | Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica da UFRJ(Fapur) | Angra dos Reis | RJ |
| Turismo de Base Comunitária na RESEX do Rio | Unini Fundação Vitória Amazônica | Barcelos | AM |
| Turismo de Base Comunitária nas comunidades de Rio Sagrado | Fundação Universidade Regional de Blumenau | Morretes | PR |
| Turismo rural solidário | Grupo Interdisciplinar Ecopolis | Santo Antônio da Patrulha | RS |
| Ecoturismo de base comunitária em Mamirauá | Instituto Mamirauá | Tefé | AM |
| Turismo solidário - conservando a Floresta com Araucária | Instituto Agroflorestral Bernardo Hakvoort (IAF) | Turvo | PR |
| Promoção do turismo de base comunitária em Trindade | Instituto Amigos da Reserva da biosfera da Mata Atlântica (IA-RBMA) | Paraty | RJ |
| Ecobase Ilhas Caieiras | Instituto Capixaba de Ecoturismo (ICE) | Vitória | ES |
| Fortalecimento da rede de produção comunitária para o turismo em Brumadinho | Instituto Cultural Inhotim | Brumadinho | MG |
| Tramas em Riacho Doce | Instituto Magna Mater (IMM) | Maceió | AL |
| Cooperativa de ecoturismo comunitário de Curuçá | Instituto Peabiru | Curuçá | PA |
| TBC no baixo Rio Negro | Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) | Manaus e Novo Airão | AM |
| Nome do projeto | Proponente | Destino | UF |

| | | | |
|---|---|--|-------|
| Um Vale Verde de Verdade | Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (Ipec) | Pirenópolis | GO |
| Nossa Terra Nossa Arte | Movimento Vida Nova Vila Velha (Movive) | Vitória, Vila Velha, Serra, Guarapari, Viana e Cariacica | ES |
| Turismo de Base Comunitária no Distrito de Taquaruçu/TO | Prefeitura Municipal de Palmas | Palmas | TO |
| Central de turismo de Santo Amaro do Maranhão | Prefeitura Municipal de Santo Amaro | Santo Amaro | MA |
| Ecoturismo de base comunitária no Pólo Tapajós | Projeto Saúde e Alegria (Ceaps) | Santarém | PA |
| Guardiões do Pantanal | Secretaria de Estado de Trabalho, Emprego, Cidadania e Assistência Social – Governo de MT | Barão de Melgaço | MT |
| Ecoturismo de base comunitária da Região da Trilha do Ouro | Sociedade Angrense de Proteção Ecológica (Sape) | Angra dos Reis, Paraty e São José do Barreiro | RJ/SP |
| Deslocamentos: ecoturismo de base comunitária | Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS) | Paranaguá, Antonina, Morretes e Guaraqueçaba | PR |
| Turismo comunitário: Afirmando identidades e construindo sustentabilidade | Instituto Terramar | Municípios integrantes da Rede Cearense de Turismo Comunitário - TUCUM | CE |
| Turismo comunitário e solidário no Assaré de Patativa | Universidade Patativa do Assaré | Assaré | CE |
| Turismo com base comunitária em Juquitinha: conciliando a preservação da Mata Atlântica | Vitae Civilis – Instituto para o Desenvolvimento, Meio Ambiente e Paz | Vale do Ribeira | SP |

Anexo B



Figura 7 Mapa de localização da Rede Tucum

Fonte: Slide Power Point Rede Tucum

1. Assentamento Coqueirinho - pratica Turismo agro ecológico e frutos da agricultura familiar. Flecheiras, Vida vindo da maré. A Associação de Produtores de Algas de Flecheira e

Guajiru – APAFG desenvolve uma das experiências mais bem sucedidas de cultivo de algas marinhas no país, estimulando a proteção ao meio ambiente. Localizado no Município de Fortim, Ceará.

2. O Povo Tremembé, Solidariedade e mar calmo e relaxante. Os serviços turísticos são gerenciados pela ONG Caiçara que com os recursos gerados pela pousada, tem fomentado novos e significativos projetos sociais na região. Localizado no Município de Caucaia , Ceará.

3. Curral Velho, Seres encantados protegendo o ambiente, Comunidade de pescadores e marisqueiras que mantêm uma estreita e respeitosa relação com a natureza em seu entorno - um exuberante manguezal e a tranquila praia de Arpoeiras. Localizado no Município Jijoca de Jeriquaquara, Ceará.

4. Tatajuba, oferece um abraço de mar com banho de água doce. A comunidade possui uma histórica existência contra a especulação imobiliária para o turismo de luxo, cuja pressão maior é resultado da sua beleza paradisíaca e proximidade de Jericoacoara, no município Jijoca de Jeriquaquara, Ceará.

5. Caetano de Cima - Caetanos de Cima é uma comunidade de pessoas batalhadoras e acolhedoras que vivem em meio a um vasto campo de dunas e lagoas. As 46 famílias buscam na agricultura familiar e na pesca artesanal a sua principal fonte de renda. Localizada no Município de Amontada

6. Batoque - Batoque, a primeira Reserva Extrativista do Ceará (RESEX), que se caracteriza pelas práticas ecológicas de uso que a população local estabelece com a terra, alagoa e o mar. São 320 famílias que vivem a beira do mar, o provedor de sua principal fonte de renda - a pesca. Localizado no Município de Aquiraz, Ceará.

7. Jenipapo-Kanindé - uma das nove etnias indígenas do Ceará, vive às margens da Lagoa da Encantada, em meio a um grande campo de dunas do qual é possível apreciar o verde da mata e o azul do mar. Sua renda básica é proveniente da agricultura familiar, da pesca na lagoa e da produção de artesanato. Localização: cidade de Aquiraz, Ceará.

8. A Associação Mulheres sem Movimento, oferecem Hospedagens solidárias em Fortaleza. Possibilitando experiências bem sucedidas de economia solidária para o desenvolvimento da comunidade, como: o Banco Palmas e a Cozinha Comunitária. Localização Fortaleza.

9. O Alojamento Frei Humberto (MST), oferece Hospedagem solidária em Fortaleza. Centro de formação e acolhida dos militantes do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) e dos movimentos sociais Parceiros. Localização: Fortaleza.

11. Flecheiras é a praia mais conhecida e frequentada do Município de Trairi. É uma comunidade litorânea onde o turismo convencional está cada vez mais consolidado.

12. Ponta Grossa é uma fascinante área que se estende entre um corredor de falésias de areia colorida e mar azul. A população conquistou o direito de permanecer na terra nos anos 90 e desde então, a venda de propriedades ali é terminantemente proibida. Localizada no Município de Icapuí.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Turismo Comunitário um modelo de gestão eficaz e sustentável

Nome do Pesquisador: Principal: Fernâncio Barbosa Carneiro

1. **Natureza da pesquisa:** *o Srta Rosa Maria Martins Pereira está sendo convidada a participar desta pesquisa que tem como finalidade: contribuir para conhecimento das variáveis organização, produção, sustentabilidade e autogestão na Instituto Terramar.*
2. **Participantes da pesquisa:** *Apenas uma pessoa, para abrangência da Rede Tucum e Instituto Terramar.*
3. **Envolvimento na pesquisa:** *ao participar deste estudo a Srta. Rosa Martins Pereira permitirá que o pesquisador Frei Fernâncio Barbosa Carneiro possa divulgar após sua liberação. A Srta. Rosa Martins Pereira tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a Srta. Rosa Martins Pereira . Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do pesquisador da Dissertação e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.*
4. **Sobre as entrevistas:** *será realizada na sede do Instituto Terramar, com anotações e agenda que poderá ser revisto pela entrevistada.*
5. **Riscos e desconforto:** *a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.*
6. **Confidencialidade:** *todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais, mas as respostas das entrevistas podem ser liberadas de acordo com seu consentimento. Somente o pesquisador e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados os quais não permita a divulgação.*
7. **Benefícios:** *ao participar desta pesquisa a srta Rosa Martins Pereira não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre O Turismo Comunitário do Ceará, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa ajudar a melhorar a organização,*

sustentabilidade, produção e autogestão do Instituto Terramar e Rede Tucum), onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

8. **Pagamento:** a Srta. não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Rosa Maria Martins Pereira
Nome do Participante da Pesquisa



Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisador Principal: FERNÂNCIO BARBOSA CARNEIRO 85 99361033

Comitê de Ética em Pesquisa: Rua Guajajaras, 175, 4º andar – Belo Horizonte/MG

Telefone do Comitê: 35089110